



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Departamento de Educação – DEDC

JOSINEL SOUZA DE CARVALHO

**“RAUL SEIXAS NA DÉCADA DE 1970: VIDA, OBRA E ABORDAGEM
FILOSÓFICA DENTRO DO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO.”**

**ALAGOINHAS
2024**

JOSINEL SOUZA DE CARVALHO

Trabalho de conclusão de curso – TCC,
apresentado ao Curso de História da
Universidade do Estado da Bahia - Campus II
Departamento de Educação – DEDC, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em História sob a orientação do
Professor Washington Drumond.

ALAGOINHAS
2024

JOSINEL SOUZA DE CARVALHO

**RAUL SEIXAS NA DÉCADA DE 1970: VIDA, OBRA E ABORDAGEM FILOSÓFICA
DENTRO DO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO."**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Washington Drumond
(orientador)

Profa. Dra. Célia Santana da Silva
(examinadora)

Prof. Alex Sadrelanio Dos Santos Pereira
(examinador)

APROVAÇÃO

Alagoinhas, ____ de ____ 2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos meus pais, cujo apoio inabalável e amor incondicional me sustentaram em todas as etapas da minha vida. A minha querida mãe (Dona Jú), sua dedicação incansável em me incentivar aos estudos e seu exemplo de perseverança são fontes constantes de inspiração para mim. Ao meu querido pai (S.r. José), que além de ser meu primeiro professor de violão, transmitiu-me valores essenciais e compartilhou comigo a paixão pela música.

Aos meus estimados amigos(as) Ancelmo, Lidiane, e André, agradeço pela presença constante em minha vida e pelo apoio inestimável, sempre presentes nos momentos de desafio e colaboração.

Não posso deixar de mencionar; o professor Alex, e o meu orientador Washington, cuja orientações e encorajamento, foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

“Eu sei como eu me sentia dentro de uma determinada época pelos vestígios deixados por mim”. (Raul Seixas)

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito, fazer uma análise da vida e obra do cantor e compositor Raul Seixas, destacando especialmente sua trajetória na década de 1970 e sua abordagem filosófica única. Ao longo deste estudo, serão exploradas suas principais influências e colaboradores que moldaram a criação de músicas que perduram até os dias atuais. Um enfoque especial será dado às canções que se destacaram em cada álbum, com uma análise dos elementos como; letra, arranjo, harmonia e ritmo. Além disso, este trabalho contextualiza o cenário dos anos 70, examinando a influência direta da situação social na vida e no pensamento do artista. Será considerada a realidade da sociedade brasileira nesse período, buscando compreender como esses elementos se entrelaçaram e refletiram nas criações artísticas do cantor. A pesquisa visa lançar luz sobre a interseção entre a expressão artística e o contexto sociopolítico, proporcionando uma visão abrangente e enriquecedora da sua contribuição para a música brasileira. Assim, o trabalho busca explorar a importância da sua obra, não apenas como um reflexo sonoro do período, mas como um desafio direto à opressão política. Ao mergulharmos nas intrincadas camadas de suas músicas e na interseção entre sua expressão artística e o contexto social da época, buscamos compreender como o “Maluco Beleza” se tornou uma figura icônica que transcendeu as barreiras musicais, oferecendo uma voz única e corajosa em meio à turbulência social e política do Brasil.

Palavras-chave: Raul Seixas, Contracultura, Música, Ditadura Civil-Militar.

ABSTRACT

This research aims to analyze the life and work of the singer and songwriter Raul Seixas, highlighting especially his trajectory in the 1970s and his unique philosophical approach. Throughout this study, his main influences and collaborators that shaped the creation of music that endures to this day will be explored. Special emphasis will be placed on the songs that stood out in each album, with an in-depth analysis of elements such as lyrics, arrangement, harmony, and rhythm. Additionally, this work contextualizes the 1970s scenario, examining the direct influence of the social situation on the artist's life and thought. The reality of Brazilian society at the time will be considered, seeking to understand how these elements intertwined and reflected in the artist's artistic creations. The research aims to shed light on the intersection between artistic expression and socio-political context, providing a comprehensive and enriching view of his contribution to Brazilian music. Thus, the work seeks to explore the importance of the artist's work in the 1970s, not only as a sonic reflection of the period but also as a direct challenge to political oppression. As we delve into the intricate layers of his music and the intersection between his artistic expression and the social context of the time, we seek to understand how the "Maluco Beleza" became an iconic figure that transcended musical barriers, offering a unique and courageous voice amidst the social and political turbulence of Brazil.

Keywords: Raul Seixas, Counterculture, Music, Civil-Military Dictatorship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I : “Raulseixismo” e Rock in Roll.....	11
CAPÍTULO II: Paulo Coelho, Aleister Crowley, e a Contracultura.....	15
CAPÍTULO III: Uma análise discográfica de Raul Seixas no cenário de repressão: “ <i>Não tenho estilo, eu tenho é muita coisa pra dizer, e digo</i> ”.....	18
”Krig-há, Bandolo!” – Álbum de 1973.....	21
Gita - Álbum de 1974.....	30
Novo Aeon – Álbum de 1975.....	38
Há Dez Mil Anos Atrás – Álbum de 1976.....	43
O Dia em que a Terra Parou - Álbum de 1977.....	49
Mata Virgem – Álbum de 1978.....	53
Por quem os sinos dobram – Álbum de 1979.....	56
10. CONCLUSÃO.....	59
11 . FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	61
12. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICA.....	62

INTRODUÇÃO

A década de 1970 no Brasil foi palco de um cenário intrincado e desafiador, marcado pela sombra da Ditadura Civil-Militar que pairava sobre a sociedade. Em meio a esse contexto político tenso e repressivo, a contribuição artística de Raul Seixas emergiu como uma voz destemida e contestadora. Neste sentido, a presente pesquisa visa aprofundar a compreensão sobre o papel de Raul como um agente de transformação cultural e social durante esse período conturbado da história brasileira. A relevância desse estudo reside na necessidade de resgatar e analisar o legado artístico e ideológico do artista, compreendendo sua capacidade única de transcender as barreiras musicais e se tornar um ícone cultural.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como as composições de Raul Seixas refletiram e influenciaram as questões políticas, sociais e culturais da década de 1970 no Brasil. Para alcançar esse objetivo, proponho os seguintes objetivos específicos: analisar as temáticas presentes nas letras, e investigar o seu papel como um agente de resistência e crítica ao regime autoritário.

A metodologia desta pesquisa consistirá em uma abordagem qualitativa, com análise das capas dos álbuns, da musicalidade, bem como dos conteúdos das letras, utilizando técnicas de interpretação textual e contextualização histórica. Além disso, serão realizadas pesquisas bibliográficas e documentais para embasar teoricamente as análises propostas.

Assim, esta pesquisa se propõe a contribuir para uma compreensão mais ampla do contexto sociopolítico da década de 1970 no Brasil, bem como para o reconhecimento do papel da música e da cultura popular como ferramentas de resistência e expressão durante períodos de repressão e autoritarismo.

O estudo foi dividido em três capítulos. O capítulo I, intitulado; "*Raulseixismo e Rock 'n' Roll*", descrevo um pouco sobre a vida e a carreira de Raul Seixas, como um dos ícones mais importantes da música brasileira, especialmente durante a década de 1970. Abordo diversos aspectos de sua vida, desde sua infância em Salvador, sua relação com a música e o rock, até sua ascensão como um dos músicos mais influentes do Brasil. No capítulo II, que tem por título; "*Paulo Coelho, Aleister Crowley, e a Contracultura*", abordo a dinâmica da parceria entre Raul Seixas e Paulo Coelho, suas diferenças criativas e pessoais, e as divergências entre eles. Também discuto a interseção entre contracultura, música, espiritualidade e política no contexto brasileiro da época e a influência de Aleister Crowley. No terceiro e último capítulo; "*Uma análise discográfica de Raul Seixas nos anos de*

repressão”, faça uma análise da discografia, fazendo conexões com o contexto político e social dos anos de 1970.

CAPÍTULO I : “Raulseixismo” e Rock in Roll

O Rock se transformou em uma forma de comunicação universal, inicialmente ligada aos jovens de bairros periféricos durante os anos 1950. Isso fez com que os segmentos mais conservadores da sociedade o vissem como uma forma de rebeldia. Vale destacar que Raul Seixas, apesar de ser de classe média, assim como outros jovens dessa classe, também se interessou por esse novo estilo. Para o escritor Braulio Tavares: “O Rock foi, em primeiro lugar, uma música que dava uma afirmação masculina, uma sensação de poder, ainda que um poder fictício para garotos de 15 e 16 anos de idade”. (CARVALHO, Walter. 2012)¹

Raul Seixas, cujo nome completo é Raul Santos Seixas, nasceu em Salvador, Bahia, em 28 de junho de 1945, coincidindo com o fim da Segunda Guerra Mundial, um período de aspirações por paz global e otimismo por um futuro melhor. Ele era filho de Raul Varella Seixas e Eugenia Santos Seixas, pertencentes à classe média de Salvador, na qual proporcionou-lhes um ambiente familiar estável, tanto financeira quanto emocional. Seu pai trabalhava como engenheiro ferroviário, enquanto sua mãe era dona de casa. Raul tinha um irmão chamado Plínio, que foi seu companheiro fiel durante a infância e adolescência. Raul faleceu no dia 21 de agosto de 1989 vítima de uma parada cardíaca.

Desde tenra idade, já demonstrava sua afinidade pelas artes, incluindo desenho, contação de histórias e leitura. Se interessava por explorar os enigmas do universo, discutindo temas como vida e morte. Segundo sua mãe, Raul costumava pegar seus cadernos escolares para criar narrativas, como se estivesse produzindo histórias em quadrinhos. Esse amor pela leitura foi influenciado por seu pai, que tinha predileção por livros relacionados à metafísica². Sua paixão pela literatura o levou a escrever várias histórias, tendo seu irmão Plínio como seu primeiro leitor. De acordo com Mauro (1990, p.40), essas histórias retratavam as aventuras de um cientista insano que viajava no tempo, interagindo com figuras históricas notáveis, além de Deus e o Diabo. Segundo ele:

“Meu pai teve uma influência muito grande sobre mim. [...]. Sempre foi um cara muito lido, tinha muitos livros e lia para mim desde que eu era pequeno. Me impressionei com *Don Quixote de la Mancha*, *O Tesouro da Juventude*, *O Livro dos Porquês*. Muitos livros de astronomia, sobre o universo, que me fascinavam. Meu pai sempre gostou de mistérios, de coisas estranhas, e me meteu nesse mundo estranho, de tudo que é inexplicável na face da terra, debaixo do mar, no céu... (BAHIANA, ANA. 1990, p.14).

¹ RAUL, O início, o Meio e o Fim. Walter Carvalho. Globo Filmes/TV Cultura, 2012. Filme, 100 min.

² Área que estuda e tenta explicar as principais questões do pensamento filosófico, como a existência do ser, a causa e o sentido da realidade, e os aspectos ligados a natureza.

Desde sempre, nutriu um profundo fascínio pelos enigmas da existência e demonstrou uma grande propensão para questionar as chamadas “verdades” convencionais. Além de sua paixão pela Literatura, desenvolveu um interesse ardente por uma variedade de outras disciplinas, incluindo Poesia, Filosofia, Religião, e Psicologia. Esse interesse diversificado o levou a explorar diversas obras e autores notáveis, tais como: Públio Ovídio Naso, Franz Kafka, Jean-Paul Sartre, Arthur Schopenhauer, Frederick Nietzsche, George Orwell, dentre outros.

A paixão pela música não surgiu de imediato; apenas na adolescência ela começou a se manifestar. De acordo com ele, foi na música que encontrou o melhor meio para expressar suas ideias, e que por isso suas músicas eram simples, pra qualquer pessoa entender a mensagem que ele estava querendo passar. Raul começou a ter contato com o Rock sob a influência do seu amigo Waldir Serrão. “Fui eu quem levou Raul para esse mundo do rock, mesmo contra a vontade da dona Maria Eugênia, a mãe dele”, relata Waldir Serrão.

Vale ressaltar que Raul teve a oportunidade de ter algumas famílias americanas como vizinhas, o que lhe proporcionou a chance de entrar em contato com o sucesso da época, o Rock and Roll. A partir do seu próprio quarto, ele podia ouvir artistas de grande renome, como Little Richard, Jerry Lee Lewis, Chuck Berry, Eddie Cochran, Fats Domino, Chet Atkins, Buddy Holly, The Crickets, Bill Haley & His Comets, e, especialmente, Elvis Presley, de quem ele se declarava um grande fã. Juntamente com o seu amigo Waldir Serrão, inaugurou o "*Elvis Rock Club*", primeiro clube de Rock do Brasil, na cidade de Salvador, Bahia, e rapidamente se tornou vice-presidente. Com apenas 17 anos, apesar dos desafios que enfrentava, Raul formou um grupo musical inicialmente chamado de "Relâmpagos do Rock", que posteriormente seria conhecido como "*The Panteras*", dando origem à icônica banda "*Raulzito e os Panteras*". O nome do grupo musical foi inspirado na banda de rock norte-americana Bill Haley & His Comets³, que, traduzido para o português, significa "Bill Haley e seus Cometas." A partir dessa inspiração, decidiu entrar no mundo da música, e a capa do álbum apresentava os rostos dos quatro integrantes em um fundo escuro, acompanhados por penteados de cabelo semelhantes aos dos Beatles⁴ no início de suas carreiras. Desde o início, demonstrava sua vontade de imitar seus ídolos não apenas no corte de cabelo, mas também em seu estilo de vestir e na forma como se apresentava. O grupo musical "Raulzito e seus

³ Bill Haley & His Comets foi uma banda de rock que teve início nos anos 1950 e que continuou até a morte de Haley em 1981. Esta banda, também conhecida pelos nomes Bill Haley and The Comets e Bill Haley's Comets.

⁴ The Beatles foi uma banda de rock britânica, formada na cidade de Liverpool em 1960. Com os integrantes John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, o grupo tornou-se altamente reconhecido como o melhor e mais bem sucedido da era do rock.

Panteras" teve uma duração de aproximadamente oito anos. Durante esse período, ganhou prestígio e alcançou sucesso na Bahia, a ponto de compartilhar o palco com vários artistas da Jovem Guarda⁵, como Roberto Carlos e Wanderléia.

Raul introduziu uma abordagem única, combinando elementos de diversos gêneros musicais, dando origem ao "Rock – Baião"⁶. De acordo com ele, o “Rock – Baião” não foi algo que ele pensou e decidiu criar, simplesmente, aconteceu. “Foi informação musical”. Aconteceu. (...) Não tenho estilo, eu tenho é muita coisa pra dizer, e digo”.- Raul Seixas.

Embora amplamente reconhecido como o pioneiro do Rock nacional, sempre rejeitou rótulos. Para ele, suas músicas não se enquadravam na categoria de protesto, nem seguiam a Linha Evolutiva da Música Popular Brasileira⁷. Em uma entrevista no programa Metropolis da TV Cultura, ele afirmou que suas músicas nunca foram de protesto e, quando questionado sobre seu estilo musical, brincou ao responder "*Raulseixismo*". Segundo o próprio Raul relata em um dos seus arquivos pessoais:

“Eu, Raul Santos Seixas, nascido a 28 de junho de 1945 em Salvador, Bahia. Em 1957, influenciado pela subcultura do rock, formei o primeiro conjunto com aparelhos elétricos em Salvador. Transei na Bahia durante dez anos me apresentando em clubes, boates, televisão, rádio, e viajando pelo interior com meu grupo.” (O Baú do Raul, p. 17)⁸

Depois de passar um período no Rio de Janeiro com o grupo Os Panteras, conhece Evandro Ribeiro, diretor da gravadora CBS, que o convida para ser produtor musical. Durante esse tempo, ele produziu para artistas como Jerry Adriani, Trio Ternura, Renato e os seus Blue Caps, Tony & Frank, Diana, Sérgio Sampaio e Aldair José (um dos maiores nomes da música brega da época). A posição de produtor musical em uma das melhores gravadoras da época tentou Raul a gravar um LP sem autorização.

⁵ Movimento cultural brasileiro surgido em meados da década de 1960, que mesclava música, comportamento e moda.

⁶ Baião é um gênero de música e de dança que teve origem na Região Nordeste. Nasceu na década de 1940 e exerce influência até hoje no trabalho de músicos que vêm dessa região do país. Assim, o *Rock-baião*, criado por Raul Seixas, é uma fusão entre o Rock e o Baião.

⁷ A linha evolutiva mencionada refere-se inicialmente apenas à transição do samba para a bossa nova. No entanto, com o surgimento do tropicalismo no ano seguinte (1967) à sua declaração, podemos considerar que o tropicalismo representa uma retomada dessa linha evolutiva na música popular brasileira (MPB). Era um movimento na qual Raul Seixas declarava não fazer parte. Com o objetivo de defender a música nacional contra a invasão da música internacional, a Marcha contra a Guitarra Elétrica (também chamado de Passeata da MPB) foi um movimento ocorrido em 1967, liderada por Elis Regina e acompanhada por artistas da MPB (Música Popular Brasileira).

⁸ SEIXAS, Raul, 1945 – 1989 (O Baú do Raul / Raul Seixas; seleção de Kika Seixas; organização e apresentação de Tarik de Souza – 12 ed. – São Paulo : Globo, 1992).

Em 1971, junto com Sérgio Sampaio, Eddy Star e Miriam Batucada, lançam o álbum "Sociedade de Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10". Considerado um disco anárquico, ele faz duras críticas ao cenário musical da época, não apenas nas letras, mas também em suas vinhetas "debochadas". Apesar de não ter feito sucesso nem ganhado destaque na época, pois foi retirado de circulação pouco tempo após o lançamento pela CBS, muitos consideram esse LP como o mais irreverente e ousado da história, tornando-se um clássico de 1971. O Diretor-presidente da gravadora na época, Evandro Ribeiro, era contra a gravação, mas não pôde impedir, pois estava em viagem internacional. Esse primeiro contato do artista com a CBS termina com sua expulsão da gravadora.

Foi no Festival Internacional da Canção ⁹que Raul Seixas conquistou um certo reconhecimento. Em 1972, incentivado por Sérgio Sampaio, o cantor compôs duas músicas: "Let Me Sing, Let Me Sing", interpretada por ele mesmo, e "Eu Sou Eu e Nicuri é o Diabo", defendida por Lena Rios & Os Lobos. Nesse mesmo ano, conheceu Paulo Coelho, que se tornaria seu parceiro nas composições. Paulo, já dedicado à escrita e envolvido no movimento hippie, compartilhava interesses em temas como misticismo, ocultismo, discos voadores, entre outros. Assim, a dinâmica da parceria se estabeleceu com a maioria das canções sendo escritas por ele, enquanto Raul contribuía com seu toque nos arranjos e criações musicais. Essa colaboração marcante entre os dois resultou em um período prolífico e inovador na sua carreira.

⁹ Festival Internacional da Canção Popular (FIC) foi um concurso de músicas nacionais e estrangeiras, anual, realizado no ginásio do Maracanazinho, no Rio de Janeiro, e transmitido pela TV Rio (primeira edição) e pela TV Globo.

CAPÍTULO II: Paulo Coelho, Aleister Crowley, e a Contracultura

Na década de 1960, surgiram movimentos que desafiavam os valores existenciais e espirituais predominantes, eram conhecidos como "Contracultura" e advogavam pela liberdade humana em oposição a qualquer forma de poder estabelecido, seja ele de natureza religiosa, social, econômica, entre outros. Na esfera sociológica, a contracultura representava um movimento libertário de contestação que teve origem nos Estados Unidos durante os anos 60. Esses movimentos caracterizaram-se pelo descontentamento e resistência, que quebrou com várias normas ao desafiar de forma extrema os comportamentos da cultura predominante. Abrangeu aspectos sociais, artísticos, filosóficos e culturais, posicionando-se contra os valores difundidos pela indústria e pelo mercado cultural¹⁰. Ao abordar o contexto brasileiro, é praticamente impossível mencionar a contracultura sem fazer referência a Luiz Carlos Maciel, ¹¹ativista e pesquisador. Segundo Maciel, o movimento juvenil de resistência à tecnocracia seguia uma trajetória em direção a uma "rebelião espontânea". Em sua visão, a revolta juvenil estava inclinada a abraçar a esfera do inconsciente e do misticismo, que ele descreve como "o irracional".

Luiz Carlos Maciel destaca que os contraculturais se veem como a verdadeira expressão cultural, argumentando que sua produção artística e intelectual é mais abrangente e dinâmica do que a da sociedade estabelecida. Um exemplo notável disso é o próprio Rock, que, aos olhos dos puristas e eruditos da música popular brasileira, era considerado "lixo musical". A característica fundamental da contracultura, segundo Maciel, era lidar com o reprimido, com o que era desprezado.

¹⁰ Segundo Adorno, na Indústria Cultural, tudo se torna negócio. Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Um exemplo disso, dirá ele, é o cinema. O que antes era um mecanismo de lazer, ou seja, uma arte, agora se tornou um meio eficaz de manipulação. Portanto, podemos dizer que a Indústria Cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. (ADORNO, Theodor W. Textos Escolhidos. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)

ADORNO, Theodor W. *Mínima Moral: Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bisca. São Paulo: Ática, 1992.

¹¹ Conhecido como o "guru da contracultura", destacou-se nos anos 1960 e 70 com suas ideias sobre o underground. A cultura underground ("subterrâneo", em inglês) ou cultura submundo é um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia. A importância de Maciel para a contracultura se deu em dois planos. Primeiro, no teatro, ao colaborar com Zé Celso nos laboratórios dos atores do Oficina, desenvolvendo o estilo de representação de O Rei da Vela. Depois, no debate teórico, Maciel foi o principal difusor do conceito de contracultura. Ele articulou autores e ideias, apresentou tendências, antecipou visões mais avançadas sobre as drogas e a diversidade sexual. Situou-se ainda como um intérprete relevante do tropicalismo e do cinema de Glauber Rocha. (<https://www.jornaldocomercio.com/especiais/reportagem-cultural/2023/12/1134906-a-mente-inquieta-de-luiz-carlos-maciel-um-dos-nomes-decisivos-na-contracultura-brasileira.html>).

De fato, a contracultura surgiu como uma expressão marcante da Era de Aquário¹², um período em que indivíduos começaram a explorar novas formas de viver e aprofundar sua compreensão do mundo interior. Contudo, essa manifestação da individualidade enfrentou desafios significativos devido à oposição gerada pelas pressões da sociedade coletiva, que muitas vezes detinha valores drasticamente diferentes daqueles buscados pela contracultura. O embate entre o desejo de liberdade e autenticidade individual e as normas estabelecidas pelo coletivo criou um cenário de confronto, marcando um capítulo crucial na dinâmica cultural desse período.

Paulo Coelho, nasceu em 24 de agosto de 1947, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi um renomado escritor e letrista. Sua jornada multifacetada o levou por caminhos diversos antes de alcançar o reconhecimento internacional. Iniciando sua carreira como diretor e autor teatral, Paulo Coelho mergulhou no movimento hippie durante os anos 1960 e 1970, explorando ideias alternativas e filosofias esotéricas. Sua incursão na música também foi marcante, com participação no cenário artístico brasileiro. Entretanto, foi na década de 1980 que Paulo Coelho se consagrou como escritor. Seu livro "O Diário de um Mago" (1987) narra sua peregrinação pelo Caminho de Santiago de Compostela e marca o início de uma série de obras que combinam espiritualidade, filosofia e narrativa envolvente.

O grande marco em sua carreira veio com "O Alquimista" (1988), um fenômeno literário global que se tornou um dos livros mais traduzidos e vendidos da história, consolidando Paulo Coelho como um dos autores mais lidos e influentes do mundo. Ao longo de sua carreira, Paulo continuou a produzir uma série de best-sellers, explorando temas como amor, destino, e espiritualidade. Sua abordagem única e estilo cativante conquistaram milhões de leitores em todo o planeta, e seu legado persiste como uma inspiração para aqueles que buscam significado e transformação por meio da literatura.

Raul e Paulo cruzaram seus caminhos em 1972, quando Raul exercia a função de produtor na CBS e Paulo era redator da revista underground "A Pomba"¹³, integrando o movimento hippie. Além disso, Paulo Coelho contribuía com artigos para revistas que exploravam temas como física e discos voadores. Raul via em Paulo o parceiro ideal para materializar suas ideias relacionadas ao esotérico. As composições resultantes dessa parceria

¹² A Era de Aquário (Aquarius) é uma era astrológica que deve iniciar-se por volta do século XXI e que sucederá a atual Era de Peixes. Essa era ocorrerá quando o Sol, no dia do equinócio de outono (hemisfério Sul) ou da primavera (hemisfério Norte), nascer à frente da Constelação de Aquário, sendo que atualmente o Sol nasce na Constelação de Peixes.

¹³ Revista A Pomba, Ano II - Nº2. Revista brasileira totalmente voltada para o underground e a contracultura. Matérias lisérgicas, ensaios fotográficos alucinantes, críticas musicais de bandas alternativas tupiniquins, ilustrações muito loucas. Editor: Eduar.

são impregnadas de misticismo e ocultismo, refletindo a fusão única de suas perspectivas criativas e interesses peculiares. Paulo Coelho tornou-se o parceiro musical ideal na época, pois ambos compartilhavam o fascínio pelos estudos de magia de Aleister Crowley. Juntos, decidiram incorporar as ideias do mago inglês em suas músicas, colaborando para disseminar os ensinamentos de Crowley.

A influência de Aleister Crowley¹⁴, ocultista inglês, na trajetória artística e filosófica de Raul e Paulo é um capítulo intrigante na história da contracultura brasileira. Durante a parceria entre esses dois ícones, a presença de Crowley se tornou marcante, deixando uma marca indelével em suas composições e visões de mundo. Aleister Crowley, conhecido por suas explorações no ocultismo e suas ideias revolucionárias sobre espiritualidade, encontrou ressonância nas mentes criativas da dupla. A época em que Paulo Coelho estava imerso nos estudos de magia de Crowley coincidiu com um período crucial na carreira de Raul. A fusão de suas mentes criativas resultou em um casamento peculiar entre a música popular brasileira e os conceitos esotéricos do mago.

Os ideais de Crowley, que pregava a liberdade individual, a busca pela verdade interior e a quebra de paradigmas estabelecidos, encontraram eco nas composições e nas letras de Paulo. A parceria permitiu que esses artistas expressassem de maneira única as ideias de Crowley, levando a uma fusão de rock misticismo e filosofia. O álbum "Gita," lançado em 1974, é um exemplo notável dessa influência, inspirado pelos ensinamentos de Crowley, incorporou conceitos como a Lei de Thelema¹⁵ em suas músicas. A canção "Sociedade Alternativa," por exemplo, é um manifesto que reflete os princípios de liberdade e autenticidade. Paulo Coelho, por sua vez, descreveu essa parceria como uma jornada de transformação espiritual, a fusão da musicalidade de Raul com as letras de Paulo, impregnadas dos ideais de Crowley, não apenas desafiou as normas da época, mas também contribuiu para a disseminação desses conceitos místicos na cultura popular. A influência do mago inglês não se limitou apenas à música, estendendo-se para a forma como encaravam a vida no modo geral. Essa colaboração única entre o ocultismo e a música popular brasileira deixou um legado duradouro, moldando o pensamento e a expressão artística de ambos.

Até 1976, a maioria das músicas foram composta em colaboração com Paulo Coelho, a quem ele descrevia como seu "inimigo íntimo". Suas composições surgiam em meio a discussões e brigas, refletindo a dinâmica entre o intelectual Paulo, que usava uma linguagem

¹⁴ Edward Alexander Crowley, mais conhecido como Aleister Crowley, foi um polêmico mago, poeta, ocultista e escritor, que se autodenominou A Grande Besta 666.

¹⁵ Filosofia religiosa baseada em um postulado de mesmo nome, adotado como princípio fundamental por algumas organizações ocultistas, desenvolvida no início de 1900.

elaborada, e Raul, o debochado, que se comunicava diretamente com o público. A contribuição intelectual de Paulo foi crucial, pois introduziu elementos metafísicos nas composições.

Apesar de todas as discordâncias, o que se destaca é a amizade, respeito e aprendizado que floresceram ao longo dessa jornada conjunta. Raul, com sua vasta experiência na CBS, era um compositor e produtor excepcional, mas faltava-lhe o toque de Paulo nas letras para consolidar ainda mais suas ideias revolucionárias. De acordo com Paulo, o seu parceiro musical foi um mestre que o ensinou a ser mais direto, claro e objetivo ao escrever. A parceria, apesar das diferenças, resultou em um enriquecimento mútuo.

A separação entre eles, foi marcada por uma combinação de fatores pessoais e profissionais. Ambos colaboraram em diversos álbuns que se tornaram clássicos do rock brasileiro, mas a parceria teve um fim tumultuado. Um dos principais motivos para a separação foi a divergência de ideias sobre a direção artística e o estilo musical. Enquanto Raul buscava explorar novos caminhos e experimentar com diferentes gêneros, Paulo tinha uma visão mais alinhada ao rock progressivo, o que levou a um descompasso criativo. Além disso, questões pessoais e diferenças de personalidade também contribuíram para o rompimento. Raul era conhecido por sua postura irreverente e contestadora, enquanto Paulo estava mais imerso em questões espirituais e místicas. Essas diferenças de abordagem e perspectiva eventualmente resultaram em atritos entre os dois. A influência de Raul Seixas no cenário musical e seu desejo de autonomia artística também foram fatores determinantes na separação. Paulo Coelho prefere não falar muito sobre assunto, diz apenas que foram amigos íntimos, e que o motivo da separação foi só um desgaste mesmo, comparando essa união a um casamento.

CAPÍTULO III: Uma análise discográfica de Raul Seixas no cenário de repressão: “Não tenho estilo, eu tenho é muita coisa pra dizer, e digo”.

A Ditadura Civil-Militar de 1964 no Brasil foi um período marcado por intensa repressão política, censura e violações dos direitos humanos. Iniciada com o golpe que derrubou o governo democraticamente eleito de João Goulart, a ditadura perdurou por mais de

duas décadas, até 1985. Os militares justificaram o ato como uma resposta à suposta ameaça comunista representada pelo novo governo. Argumentaram que as reformas propostas por Goulart, como a Reforma Agrária e a Limitação de Remessas de Lucros para o Exterior, eram sinais de um suposto plano de implantação do comunismo no Brasil. Além disso, acusaram o governo de João Goulart de promover desordem social e enfraquecer as instituições democráticas.

É importante destacar que, uma parte da sociedade civil, influenciada por setores conservadores, empresariais e pela classe média, apoiou o golpe militar por temer as mudanças sociais propostas pelo presidente. Muitos acreditavam que a intervenção militar traria estabilidade política e econômica, além de proteger o país do que viam como uma ameaça comunista.

Setores da imprensa, lideranças religiosas e grupos políticos de direita também endossaram o golpe, contribuindo para a legitimação do regime aos olhos de parte da população¹⁶. No entanto, é importante ressaltar que esse apoio não foi unânime, havendo também resistência e oposição por parte de diversos setores da sociedade brasileira. Durante esse período, houve uma série de acontecimentos que moldaram a história do país, como a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que deu amplos poderes ao regime para reprimir qualquer forma de oposição. Milhares de pessoas foram presas, torturadas e mortas, enquanto a imprensa e as instituições democráticas foram sufocadas. No entanto, também houve resistência, com movimentos sociais, estudantis e políticos lutando pela democracia e pelos direitos humanos.

Entre os anos de 1964 e 1985, os artistas foram alvos frequentes de perseguições políticas por parte do regime autoritário. Essa repressão visava controlar a expressão cultural e silenciar vozes que se opunham ao governo, resultando em um período sombrio para a liberdade artística no país. Músicos, escritores, cineastas e outros artistas que ousavam abordar temas considerados sensíveis ou fazer críticas ao regime eram censurados, perseguidos, presos e até mesmo exilados. Suas obras eram proibidas, editadas ou simplesmente não recebiam autorização para serem divulgadas, cerceando assim a liberdade de expressão e o acesso do público a diferentes perspectivas e narrativas. Alguns artistas foram alvo de vigilância constante, sofrendo ameaças diretas ou indiretas, o que os levava a

¹⁶ Em 19 de março e 8 de junho de 1964 no Brasil aconteceu A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, um nome comum de uma série de manifestações públicas ocorridas no Brasil em resposta ao que foi considerado, por militares e setores conservadores da sociedade, uma ameaça comunista representada pelas ações dos grupos radicais e pelo discurso em comício realizado pelo então presidente João Goulart em 13 de março daquele mesmo ano.

praticar a autocensura para evitar retaliações. Muitos tiveram suas carreiras interrompidas e suas vidas pessoais devastadas pela perseguição política.

Nesse contexto de autoritarismo e de controle, Raul não passou ileso. Muitas de suas canções foram alvo de censura, impedindo sua gravação e divulgação. No entanto, junto com seu parceiro de composição, Paulo Coelho, Raul demonstrou uma inteligência astuta ao utilizar metáforas e linguagem subversiva para lançar várias músicas que desafiavam o governo autoritário de maneiras mais sutis do que poderiam imaginar. Essas estratégias criativas permitiram que suas mensagens de resistência e crítica social chegassem ao público, mesmo sob o olhar atento da censura. No entanto, um relato encontrado no arquivo pessoal chamado; O Baú da Raul menciona que, em 1974, ele foi detido pelo Primeiro Exército e deportado para a América, sob acusação de subversão contra a ditadura no governo do General Ernesto Geisel, conforme também é relatado por sua mãe Maria Eugênia:

“Raul chegou em casa às três horas da madrugada, com a camisa, o bolero todo lascado, e as costas “lapiadas”, correndo sangue...Eu chamei: meu filho, não se importe não. Retire sua roupa, fique de cueca, que sua mãe lhe dá banho... Botei ele debaixo da torneira, tirei o sangue pra passar os esparadrapos.”Ele disse: olhe, não demore não, porque aí embaixo tem dois... tem duas pessoas do exército me esperando... Eu estou com o passaporte assinado pra sair do país, não pra voltar.” (CARVALHO, Walter. 2012)¹⁷

A busca do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social¹⁸) em sua casa, motivada pela suspeita de envolvimento com a fundação de uma suposta "sociedade alternativa," revela o clima de repressão e paranoia política da época. O fato de ter compartilhado essa experiência em uma entrevista com Jô Soares ¹⁹destaca a coragem deles em resistir à pressão e continuar sua busca por expressão artística e liberdade criativa. Somado a isso, o exílio, como resultado dessa perseguição política, sublinha o preço que pagaram por tentar "perturbar" a ordem vigente. Essa história não apenas acrescenta camadas à narrativa da contracultura brasileira, mas também destaca a resistência desses artistas em meio a um contexto desafiador.

¹⁷ Depoimento de D. Maria Eugênia no Filme/documentário; RAUL, O início, o Meio e o Fim. Walter Carvalho. Globo Filmes/TV Cultura, 2012. Filme, 100 min.

¹⁸ Um dos principais órgãos repressivos. Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), polícia política, responsável por sequestros, torturas, mortes e desaparecimentos durante a ditadura brasileira.

¹⁹ Em entrevista para o programa *Jô Soares Onze e Meia*, Raul Seixas relata que foi expulso do Brasil, indo morar em Nova York para fugir da ditadura do governo Geisel em 1974. O programa em questão era exibido no SBT no final dos anos 80, ficando no ar até o final dos anos 90.

”Krig-há, Bandolo!” – Álbum de 1973

O álbum "Krig-há, Bandolo!", lançado em 1973 pela gravadora Philips (atual Universal Music), alcançou grande sucesso, principalmente impulsionado pela música "Ouro de tolo". O título do disco faz alusão ao grito de guerra do personagem Tarzan, conhecido nas revistas em quadrinhos da EBAL²⁰, que se traduz como "Cuidado, eu mato!". Na capa do álbum, Raul Seixas surge sem camisa, ostentando um colar de medalhão com o símbolo do Nepal, e segurando em sua mão direita o desenho de uma chave,²¹ a mesma que mais tarde integraria o símbolo da Sociedade Alternativa.

O encarte do LP foi concebido por Adalgisa Rios, esposa de Paulo Coelho na época, que também foi responsável pelas ilustrações do Gibi/Manifesto, a base do LP "Krig-há, Bandolo!". A fundação de "Krig – há" já contava com a participação de Paulo, Adalgisa e Edith Wisner (primeira esposa de Raul). Esse manifesto apresentava simbologias religiosas e esotéricas, sendo a base para os fundamentos da Sociedade Alternativa, o gibi convocava as pessoas a se oporem às formas de opressão.

O álbum possui uma duração de vinte e nove minutos, apresentando uma mistura de estilos que incluem Rock and Roll, Folk²², Country²³ e Baião. A maioria das composições é fruto da colaboração entre Raul Seixas e Paulo Coelho, com coordenação de Roberto Menescal, direção e produção de Marco Mazzola, além da contribuição direta de Raul. A equipe de músicos que participaram da produção inclui; Jay Anthony Vaquer na guitarra, José Menezes no banjo, Miguel Cidras e José Roberto Bertrami no piano, Luiz Paulo Simas e Miguel Cidras nos teclados, Paulo César Barros e Alex Malheiros no contrabaixo, Paulinho Braga no berimbau, Marco Mazzola no pandeiro, e Pedrinho Batera, Bill French e Mamão na

²⁰ Editora Brasil-América Limitada, mais conhecida pelo acrônimo EBAL, foi uma das mais importantes editoras de história em quadrinhos do Brasil. Fundada em 18 de maio de 1945 por Adolfo Aizen, o "Pai das Histórias em Quadrinhos do Brasil", foi de extrema importância por difundir o gênero no país.

²¹ A chave do símbolo da Sociedade Alternativa é a cruz Ansata, da mitologia egípcia. Representa a Cruz da Vida e o Laço da Sandália do peregrino que busca a si mesmo, que busca respostas. No selo da Sociedade Alternativa, a cruz Ansata aparece com dois degraus embaixo, simbolizando tanto os degraus da iniciação, quanto dando forma de uma chave: a chave que abriria as portas da mente, do conhecimento. E a chave que traria a liberdade, tão solicitada nos anos de chumbo da ditadura.

²² A música folk se origina com as canções populares dos camponeses, passadas de geração em geração através da tradição oral. Cada país possui suas canções populares, que refletem sua cultura.

²³ A música country é um gênero musical que tem suas raízes nas tradições musicais dos Estados Unidos, especialmente nas regiões do sul e do oeste do país. Ela incorpora uma variedade de estilos, incluindo folk, blues, música gospel e elementos de música popular. A música country frequentemente aborda temas como a vida rural, o amor, a natureza, as dificuldades da vida e a tradição.

bateria. Essa diversidade de talentos contribuiu para a riqueza musical e a diversidade de influências presentes no álbum.

Mosca na Sopa

A abordagem musical em "*Mosca na Sopa*", segunda faixa do disco, se destaca por sua distinção em relação ao convencional, apresentando batidas e ritmos que evocam semelhanças com a cadência do Candomblé. A fase inicial da música é conduzida exclusivamente por instrumentos de percussão, acompanhada por um coral de mulheres, que também desempenham o papel crucial de fornecer a pulsação para os instrumentos percussivos. A segunda parte da faixa assume uma característica mais Rock, caracterizada pela presença de diversos instrumentos, como guitarra, bateria, contrabaixo e teclado. Essa transição revela a habilidade em mesclar influências musicais diversas, resultando em uma composição que transcende fronteiras estilísticas e oferece uma experiência sonora única. A composição apresenta variações na dinâmica ao longo da música, alternando entre momentos mais intensos e outros mais suaves. Essa variação contribui para a expressividade da canção. A guitarra elétrica desempenha um papel proeminente na música, apresentando riffs distintos que contribuem para a sonoridade única da faixa. Os elementos de distorção e a presença de solos de guitarra demonstram a influência do rock clássico no estilo abordado pelo artista.

Embora a melodia da canção seja relativamente acessível, o conteúdo lírico revela uma profundidade notável. A música pode ser interpretada da seguinte maneira: a mosca, como um ser incômodo, representa a intenção de Raul e Paulo de transmitir a ideia de que ela está presente para causar perturbação. Em uma entrevista, Raul Seixas, com um toque irônico, menciona que considera a música de certa forma ecológica. Nesse contexto, ele destaca: “Por mais de quantidade de DDT que possa existir, há sempre mosca por aí.” – Raul Seixas.

Em meio a uma atmosfera de intensa repressão durante o período, transmitiam a mensagem de que reprimir e perseguir era ineficaz, pois sempre haveria pessoas (ou "moscas") questionando o sistema estabelecido. Na segunda parte da música, a letra aborda uma "Grande Mosca", sugerindo que essa "grande mosca" poderia ser uma referência ao próprio Raul Seixas, indicada pelo uso do pronome "Eu", ou até mesmo à união do povo que lutava contra a ditadura. O cantor fazia questão de incorporar o pronome "Eu" em muitas de suas músicas, acreditando que a transformação na sociedade deveria começar a nível

individual antes de se manifestar no coletivo. Nesse contexto, a utilização do pronome reforça a ideia de que a mudança real começa no âmbito pessoal, tornando-se, posteriormente, um movimento coletivo.

[Trecho da Letra]

Eu sou a mosca que posou em sua sopa
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar
Eu sou a mosca que pousou em sua sopa
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar
Eu sou a mosca que perturba o seu sono
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar
Eu sou a mosca que perturba o seu sono
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar
E não adianta vir me dedetizar
Pois nem o DDT pode assim me exterminar
Porque você mata uma e vem outra em meu lugar

Metamorfose ambulante

A faixa "*Metamorfose Ambulante*" é a terceira do álbum. É uma composição de Raul Seixas e Paulo Coelho, que tem três minutos de duração. Melodicamente, a canção é ricamente arranjada, apresentando efeitos de piano que conferem um tom esotérico, além de um ritmo distintivo do Rock e Country.

[Trecho da Letra]

Eu prefiro ser
essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo.

Na parte final do refrão, entra o acorde musical(Bb²⁴) que funciona como uma “*ponte*”²⁵ para o couro da música. Essa sequência de acordes cria uma atmosfera diferente na canção, levando-a para um momento mais reflexivo e melódico.

Do que ter aquela velha opinião

²⁴ Si bemol maior (abreviatura no sistema europeu Si_b M e no sistema americano B_b) é a tonalidade que consiste na escala maior de si bemol, e contém as notas si bemol, dó, ré, mi bemol, fã, sol, lá e si bemol. Sua armadura contém dois bemóis. Sua tonalidade relativa é sol menor e sua tonalidade homônima é si bemol menor.

²⁵ Seção contrastante de uma canção ou peça musical, que também prepara para o retorno de seu tema original.

Formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator.

Literalmente, "Metamorfose Ambulante" significa algo que está em constante mudança, tanto em forma quanto em estrutura, hábito e natureza. O termo "ambulante" sugere algo que se locomove, perambula e migra sem se fixar em um lugar específico, possivelmente relacionando-se à ideia de "A Grande Mosca" mencionada na canção anterior. Raul sempre enfatizou a importância de não ter uma opinião preconcebida sobre tudo.

Há indícios de que a canção possa ter sido inspirada nos escritos "*Metamorfoses*" do poeta Ovídio.²⁶ Nesse poema, Ovídio descreve um mundo em constante mutação, com transfigurações de homens e deuses mitológicos em animais, árvores, rios, pedras, entre outros. Raul relata que aprendeu latim especificamente para ler as "*Metamorfoses*" de Ovídio no original. Além disso, ele faz uma referência a Kafka,²⁷ autor da obra "*A Metamorfose*", uma das peças mais marcantes da literatura universal, que narra a história de Gregor, um caixeiro-viajante que acorda um dia metamorfoseado em um enorme inseto. Ao analisar a letra de "Metamorfose Ambulante", é possível perceber a conexão e semelhança com as obras de Ovídio e Kafka, destacando a influência literária e filosófica que permeia a composição.

Na segunda parte do trecho, torna-se claro que Raul compreendia as coisas como relativas. Isso significa que não existe um único ponto de vista com uma verdade absoluta, mas sim diferentes perspectivas, reflexões e considerações. Essa abordagem é alinhada ao pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche,²⁸ que argumentava que não há uma verdade absoluta, e os fatos não são eternos. Para Nietzsche, a verdade é uma ilusão, uma enganação que aceitamos como valor absoluto para manter nossos corpos condicionados. A influência da filosofia de Nietzsche no pensamento de Raulzito é evidente, conforme

²⁶ Públio Ovídio Naso foi um poeta romano que viveu durante o reinado de Augusto. Ele compôs poesia épica e elegíaca. É considerado um mestre do dístico elegíaco e é tradicionalmente colocado ao lado de Virgílio e Horácio como um dos três poetas canônicos da literatura latina.

²⁷ Franz Kafka foi um escritor boêmio de língua alemã, autor de romances e contos, considerado pelos críticos como um dos escritores mais influentes do século XX.

²⁸ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Escreveu vários textos criticando a religião, a moral, a cultura contemporânea, a filosofia e a ciência, exibindo certa predileção por metáfora, ironia e aforismo.

destacado por José Roberto Abrahão²⁹, pesquisador do ocultismo na qual afirmava que Raul admirava Nietzsche, cujas ideias também influenciaram o pensamento de Aleister Crowley, notadamente em sua formulação da Lei de Thelema.

Até os dias atuais, Raul Seixas é reverenciado como um gênio, e para aqueles que compartilhavam a vida com ele, o considerava uma pessoa complexa, uma verdadeira "metamorfose ambulante". Ao longo da vida, questionou incessantemente tudo ao seu redor, e suas composições refletem a profundidade e complexidade de seu ser. No livro: Raul Seixas; *"E o Sonho da Sociedade Alternativa"*, Luciane Alves destaca que, diante da inércia das pessoas ao seu redor, Raul ficava cada vez mais indignado. Ele percebia que as pessoas tinham a capacidade de moldar suas vidas da maneira que quisessem, mas muitas optavam por permanecer na inércia, sendo manipuladas pelo que ele chamava de "Monster Sister" (Sistema Rato), um sistema monstruoso governado por uma minoria mal-intencionada. A aversão de Raul Seixas à ideia de ter uma opinião preconcebida sobre tudo era evidente, e podemos notar uma clara revolta e indignação em um de seus escritos no Baú do Raul.

“Quase 40 anos que repito sem parar, já não me resta paciência para olhar – que porcaria, todo dia observar na esperança que essa merda vá mudar. Nada muda! Não leio jornais, existem livros, cigarro se fuma, se bebe, as pessoas ouvem e fazem música, dançam, andam. Como posso dormir em paz? Eu me recuso a aceitar o absurdo daqueles que acreditam na impossibilidade de crer que é só isso aí.” (O Baú do Raul, pag. 85).³⁰

Através desta canção e dos escritos pessoais, percebe-se o quão difícil era para ele se acomodar a uma única ideologia, seja ela social, política ou cultural. Sua abertura a diferentes ideias reflete a crença de que essa atitude pode expandir mentes. Especificamente nessa música, notamos o grau de complexidade que ele entendia a vida, e como os seres humanos têm a capacidade de mudar de opinião conforme desejarem. A expressão *"dizer o oposto do que eu disse antes"* remete à ideia de uma mudança constante, sempre que necessário, independente do tempo e do lugar. Essa filosofia de vida evidencia sua resistência à rigidez ideológica e sua disposição para evoluir e adaptar suas perspectivas.

Cachorro Urubu

²⁹ Advogado, jornalista e escritor, José Roberto Romeiro Abrahão foi um grande amigo de Raul Seixas. Compôs com o roqueiro a música "A Pedra do Gênesis", lançada em 1988 no último trabalho solo do cantor, além de "Angel", ainda inédita.

³⁰

A música "Cachorro Urubu" é a quarta música do lado B do disco. Foi composta por Raul Seixas e Paulo Coelho, destacando-se pela base harmônica de violão, viola e piano, além do contrabaixo e instrumentos de percussão como o chocalho. Há uma certa semelhança com as canções de Bob Dylan³¹.

[Trecho da Letra]
Baby, essa estrada
é comprida
Ela não tem saída
É hora de acordar
Pra ver o galo cantar
Pro mundo inteiro escutar
Baby a estória é a mesma
Aprendi na quaresma
Depois do carnaval
A carne é algo mortal
Com multa de avançar sinal
Todo jornal que eu leio
Me diz que a gente já era
Que já não é mais primavera
Oh baby, oh baby
A gente ainda nem começou.

Com uma série de reflexões, a música adota um ritmo lento e uma harmonia suave. Ao analisarmos a letra, observamos a referência do título "Cachorro Urubu" a um dos Pajés das tribos Sioux³² que se rebelou contra os Estados Unidos e o então presidente Richard Milhous Nixon³³ em 1973, em busca de direitos sobre suas terras. Essa conexão histórica é mencionada no Baú do Raul da seguinte maneira:

“Essa música que eu vou cantar agora é dedicada a Cachorro-urubu, para quem não conhece “Crow-dog” (aquele pajé Sioux do Wooded Knees), por ele ter ensinado a técnica de fazer chover na hora certa.” (Baú do Raul, Pag. 83)³⁴

A sequência desta canção é rica em metáforas que abrangem diversas críticas ao sistema, ao modo de produção capitalista e à moralidade cristã. Além disso, a música faz uma

³¹ Robert Allen Zimmerman (Duluth, 24 de maio de 1941) é um cantor, compositor, escritor, ator, pintor e artista visual norte-americano, e uma importante figura na cultura popular há mais de cinquenta anos.

³² Em sentido amplo, um importante grupo linguístico do centro e do nordeste da América do Norte. Esse grupo subdivide-se em dois subgrupos, os Catawba e os Sioux que são divididos em outros três grandes grupos: os Tétons, Yanktons e Santees.

Em sentido estrito, uma palavra de origem ojibwa que designa as tribos Lakota, Nakota e Dakota, culturalmente muito próximas.

³³ Richard Milhous Nixon foi um advogado e político norte-americano que serviu como o 37.º Presidente dos Estados Unidos de 1969 até 1974, quando se tornou o primeiro e único Presidente a renunciar ao cargo.

³⁴ SEIXAS, Raul, 1945 – 1989 (O Baú do Raul / Raul Seixas; seleção de Kika Seixas; organização e apresentação de Tarik de Souza – 12 ed. – São Paulo : Globo, 1992).

referência direta aos eventos de maio de 1968³⁵. Essa ideia pode ser observada a partir desta estrofe:

[Trecho da Letra]
“Baby o que houve na trança
Vai mudar nossa dança
Sempre a mesma batalha
Por um cigarro de palha
Navio de cruzar deserto
Todo jornal que eu leio
Me diz que a gente já era
Que já não é mais primavera
Oh, baby, Oh baby
A gente ainda nem começou.

Nesta letra, é possível notar uma astuta substituição da palavra "França" por "trança", uma estratégia utilizada para contornar a censura imposta pela perseguição política. Outra canção que faz referência a "Cachorro Urubu" é "Dentadura Postiça", também presente no mesmo álbum, nas estrofes três e seis.

Cachorro urubu
(Vai subir) O elevador
(Vai subir) O preço do horror
(Vai subir) O nível mental
(Vai subir) O disco voador.

Ouro de Tolo

A música "Ouro de Tolo" ocupa a quinta faixa do lado B do álbum, e muitos a consideram a canção mais impactante de todas. Isso se deve não apenas à sua letra extremamente interessante, mas também às outras facetas que envolvem essa composição, marcadas por uma originalidade sem precedentes na música brasileira.

A estrutura musical segue um formato típico de rock, com versos, refrão e pontes. A música começa com uma introdução marcante de guitarra elétrica, que estabelece o ritmo e a atmosfera da canção. O refrão é bastante e repetitivo, o que contribui para sua memorização. O arranjo instrumental é relativamente simples, com destaque para a guitarra elétrica, que desempenha um papel fundamental na condução da melodia e na criação de riffs marcantes. Ao lançar a música, ele introduziu uma abordagem musical original e única que impactou

³⁵ *O maio de 1968* foi um movimento político na França que, marcado por greves gerais e ocupações estudantis, tornou-se ícone de uma época onde a renovação dos valores veio acompanhada pela proeminente força de uma cultura jovem.

profundamente a música brasileira. Pela primeira vez, ele trouxe o rock para o centro das atenções de uma forma que não tinha sido feita antes. Uma das características mais marcantes da música é a predominância da letra sobre a melodia, algo incomum naquele período. Isso representou uma quebra de paradigma.

[Trecho da Letra]

Eu devia estar contente
Porque eu tenho um emprego
Sou o dito cidadão respeitável
E ganho quatro mil cruzeiros por mês
Eu devia agradecer ao Senhor
Por ter tido sucesso na vida como artista
Eu devia estar feliz
Porque consegui comprar um Corcel 73
Eu devia estar alegre e satisfeito
Por morar em Ipanema
Depois de ter passado fome por dois anos
Aqui na Cidade Maravilhosa.

Durante o período em que a canção foi composta, Raul estava desfrutando de estabilidade financeira e conforto, após ter superado dificuldades desde sua mudança para o Rio de Janeiro. Mesmo assim, a música denuncia a obsessão da sociedade pela busca de riquezas materiais, retratada metaforicamente como o "ouro de tolo"³⁶³⁷. Essa expressão sugere que muitas vezes as pessoas valorizam o que é superficial e efêmero em detrimento do que é verdadeiramente valioso, como valores morais, espirituais e relacionamentos interpessoais. A crítica contida na letra pode ser interpretada como uma reflexão sobre a cultura contemporânea de consumo desenfreado, na qual o sucesso é muitas vezes medido pelo acúmulo de bens materiais, ignorando aspectos mais significativos da existência humana.

Durante a década de 1970, em meio à contestação das promessas do chamado "milagre econômico" e à repressão do regime ditatorial, o Brasil vivenciou um período de intensa efervescência cultural e social. Esse período, conhecido como os anos de "desbunde"³⁸, foi marcado por uma busca por liberdade e expressão, tanto na música quanto em outras formas de arte e na sociedade em geral. É nesse contexto contracultural que ele faz uma crítica à alienação e ao conformismo das pessoas, que aceitam passivamente as normas sociais e se

³⁶ Em 7 de junho de 1973, Raul Seixas surpreendeu ao convocar a imprensa para testemunhar sua performance na Avenida Rio Branco, Centro do Rio, empunhando um violão e entoando "Ouro de Tolo". A estratégia foi um sucesso: a cena foi transmitida no Jornal Nacional, o principal telejornal do país na época. A música serviu como uma crítica contundente ao conformismo nacional diante das falsas promessas oferecidas pela ditadura.

³⁷ "Ouro de tolo" é o nome que se dava na Idade Média às promessas de falsos alquimistas. Transpondo a ideia para a década de 1970, Raul Seixas reduz a nada as aspirações da classe média que apoiou o milagre econômico da ditadura.

³⁸ "Desbunde" é uma gíria, inventada no Brasil durante os anos 60, para designar quem abandonava a luta armada. Ela foi evoluindo e passou a designar não só quem tivesse abandonado a resistência ao regime militar governante da Nação, mas toda figura interessada em contracultura a ponto de viver seus ideais.

contentam em seguir um caminho pré-determinado, sem questionar ou buscar uma verdadeira realização pessoal. Assim, questiona a noção de sucesso baseada apenas em conquistas materiais, apontando para a necessidade de uma busca interior mais profunda e autêntica.

[Trecho da Letra]

Ah!
Eu devia estar sorrindo
E orgulhoso
Por ter finalmente vencido na vida
Mas eu acho isso uma grande piada
E um tanto quanto perigosa
Eu devia estar contente
Por ter conseguido
Tudo o que eu quis
Mas confesso abestalhado
Que eu estou decepcionado
Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto “E daí?”
Eu tenho uma porção
De coisas grandes pra conquistar
E eu não posso ficar aí parado
Eu devia estar feliz pelo Senhor
Ter me concedido o domingo
Pra ir com a família
No Jardim Zoológico
Dar pipoca aos macacos
Ah!
Mas que sujeito chato sou eu
Que não acha nada engraçado
Macaco, praia, carro
Jornal, tobogã
Eu acho tudo isso um saco
É você olhar no espelho
Se sentir
Um grandessíssimo idiota
Saber que é humano
Ridículo, limitado
Que só usa dez por cento
De sua cabeça animal
E você ainda acredita
Que é um doutor
Padre ou policial
Que está contribuindo
Com sua parte
Para o nosso belo
Quadro social
Assenta a sombra sonora
De um disco voador.

Raul ironizou aqueles que criticaram sua rebeldia ao cantar *"Ah!, mas que sujeito chato sou eu / Que não acha nada engraçado"*. Sua crítica, sem dúvida, ressoou com muitos brasileiros que, ao terem a oportunidade de escapar da rotina sufocante, desejavam mais lazer, uma oferta cultural mais ampla e uma vida coletiva mais rica. Essa aspiração reflete uma

busca por um ponto de interseção entre biografia e história, como levantado por Mills,³⁹ no qual as relações e experiências não são reduzidas a meros valores materiais ou medidas de sucesso. Em vez disso, busca-se uma vida mais autêntica, onde as conexões interpessoais, o lazer e a cultura desempenhem um papel fundamental, indo além da busca por bem materiais que muitas vezes domina a sociedade contemporânea.

Gita - Álbum de 1974

Gita é o terceiro trabalho solo de Raul Seixas. Lançado em 1974, traz na capa uma foto do mesmo portando uma guitarra modelo semi-acústica. No momento emblemático de seu retorno do exílio nos Estados Unidos, ele protagoniza a capa do álbum "Gita" imbuído de simbolismo e desafio. Vestido como um guerrilheiro, ele não apenas personifica a resistência à ditadura, que o havia compelido a viver nos Estados Unidos, mas também canaliza sua postura desafiadora através de uma guitarra vermelha. A imagem captura a essência da época, onde a música se entrelaçava com a resistência política, e sua atitude provocativa, o tornava um ícone da luta contra as imposições autoritárias, expressando, assim, a voz de uma geração que buscava liberdade e autenticidade. A capa do "Gita" transcende o mero retrato artístico, transformando-se em um testemunho visual da complexa interseção entre a música, a rebeldia e o contexto sociopolítico da época.

O álbum é icônico, pois é uma mesclagem de rock, música brasileira e elementos espirituais. O título faz referência ao clássico indiano Bhagavad Gita⁴⁰, e a obra como um todo reflete sua diversidade artística e filosófica. O álbum incorpora uma ampla variedade de estilos musicais, desde o rock em "Gita" até elementos de blues, samba e música folclórica brasileira. Essa diversidade destaca sua habilidade de transcender rótulos musicais. Como sempre, mostrou sua versatilidade ao contribuir não apenas com violões, mas também com

³⁹ Essa situação vivida e rejeitada por Raul Seixas é o que o sociólogo estadunidense Charles Wright Mills (1916 – 1962) identificou como um estado em que as pessoas sentem que suas vidas privadas são uma série de armadilhas: “Suas visões e seus poderes estão limitados às cenas em close-up de trabalho, família, vizinhança; em outros meios, elas se movem à custa de outros e permanecem espectadoras” (A Promessa, Zahar, Rio, 2009). Ele partiu do princípio de que os fatos sociais precisam ser observados também como fatos individuais: quando classes ascendem ou decaem, uma pessoa é empregada ou desempregada; quando a taxa de juros sobe, alguém ganha novo ânimo ou vai à falência.

Para Theodor W. Adorno, o homem, nessa Indústria Cultural, não passa de mero instrumento de trabalho e de consumo, ou seja, objeto. O homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho. Portanto, o homem ganha um coração-máquina. Tudo que ele fará, fará segundo o seu coração-máquina, isto é, segundo a ideologia dominante.

⁴⁰ Bagavadeguitá é um texto religioso hindu escrito em sânscrito, parte do poema épico indiano Maabárata, datado do século IV a.C.

guitarra elétrica e arranjos na produção musical do disco. A presença de nomes como Luiz Cláudio Ramos, Rick Ferreira e Alexandre nas guitarras elétricas trouxe uma experiência sonora rica e diversificada.

Medo da Chuva

A segunda canção do lado A do álbum, que tem por nome “*Medo da Chuva*” (considerada uma das músicas preferidas da Dona Eugenia, mãe de Raul), é mais uma que marca a parceria entre ele e Paulo Coelho. Musicalmente, a canção combina elementos de rock e balada, criando uma atmosfera que complementa perfeitamente a mensagem lírica. A voz marcante de Raul, aliada à melodia envolvente, contribui para a impactante entrega da mensagem.

A introdução melódica apresenta acordes de piano suaves e uma guitarra distorcida, criando uma atmosfera melancólica que se desdobra ao longo da música. A batida constante e pulsante da bateria contribui para um ritmo firme e marcante, enquanto o baixo adiciona profundidade à composição. A voz rouca e expressiva de Raul é uma característica central da sonoridade da música, transmitindo emoção e intensidade. A combinação de sua voz com os arranjos instrumentais cria uma experiência auditiva envolvente, destacando a habilidade do artista em contar histórias através da música.

A letra reflete sobre a fragilidade humana diante das incertezas da vida, o “medo da chuva” é utilizado como uma metáfora para representar os temores e inseguranças que todo ser humano enfrenta. A chuva, que é natural e inevitável, torna-se uma representação simbólica dos desafios e adversidades que surgem no caminho. A letra consegue transmitir uma sensação de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, de resistência. A ideia de enfrentar o medo e seguir em frente, mesmo diante das tempestades da vida, é a mensagem que se tenta passar para o público nessa canção.

Tudo indica que a inspiração para essa composição surgiu durante o período de separação de seu primeiro casamento com Edith Wisner, com quem uniu os laços matrimoniais em 1967. A melodia e a poesia da música capturam não apenas a beleza da expressão artística, mas também as complexidades e desafios que permeiam as relações amorosas, oferecendo aos ouvintes uma visão íntima da experiência pessoal de Raul.

Ao total, experimentou cinco casamentos, e cada uma dessas jornadas afetivas deixou uma marca profunda em sua trajetória, moldando, de uma maneira ou de outra, suas composições. Essa canção pode ser um exemplo notável desse impacto emocional, na qual aborda o tema do casamento com uma perspectiva crítica.

[Trecho da Letra]

Porque quando eu jurei meu amor
Eu traí a mim mesmo
Hoje eu sei que ninguém nesse mundo
É feliz tendo amado uma vez, uma vez
Eu perdi o meu medo, o meu medo
O meu medo da chuva
Pois a chuva voltando pra terra
Traz coisas do ar
Aprendi o segredo, o segredo
O segredo da vida
Vendo as pedras que choram
Sozinhas no mesmo lugar

Nesse trecho, percebe-se que a música dialoga com temas existencialistas, que exploram a busca por sentido na vida e abordam as intrincadas relações humanas. Filósofos como Sartre⁴¹ e Camus⁴², cujas obras Raul Seixas estava familiarizado, investigaram a solidão e o vazio existencial. A frase evoca uma visão romântica que contrasta com a dura realidade da desilusão. Assim, ele pode estar transmitindo a ideia de que o amor, apesar de seu encanto inicial, frequentemente resulta em decepções e tristezas.

Ao longo de sua vida, experimentou várias experiências amorosas, traduzindo essas vivências em suas canções. Esse trecho em particular sugere que, o amor era uma faca de dois gumes, capaz de proporcionar intensa felicidade, mas também carregada de dores e desafios. Ele parecia entender que amar, por mais belo que fosse, podia deixar cicatrizes profundas na alma. A vida amorosa de Raul, tal como descrita nessa canção, parece ser uma narrativa de aprendizado, de ciclos de amor e desilusão que contribuiriam para a riqueza de sua expressão artística e para a identificação profunda de seus fãs com suas canções sinceras e reveladoras.

Uma das pessoas marcantes em sua vida foi Edith Wisner, com quem se casou ainda jovem. Essa união não resistiu ao turbilhão de desafios que a carreira musical e a vida boêmia trouxeram. O relacionamento tumultuado com Edith se reflete em muitas de suas canções, onde o amor e a dor se entrelaçam de maneira visceral.

⁴¹ Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo, escritor, dramaturgo e crítico francês, sendo uma figura central no movimento existencialista do século XX. Nasceu em Paris e, ao longo de sua vida, teve uma influência significativa na filosofia, literatura e política.

⁴² Albert Camus (1913-1960) foi um influente escritor, filósofo e jornalista francês, nascido na Argélia, então colônia francesa. Ele é mais conhecido por suas contribuições para o existencialismo e pelo seu engajamento na literatura do absurdo.

Outra pessoa que fez parte da vida amorosa de Raul foi a jornalista Glória Vaquer. Ela chegou em um momento em que ele estava imerso em suas próprias batalhas pessoais e artísticas. O romance entre eles se desenvolveu em meio à efervescência do cenário musical e cultural da época, e o encontro parecia ser uma colisão de almas inquietas. Ambos compartilhavam uma sede de autenticidade e uma inclinação para desafiar as convenções. Glória, com seu olhar perspicaz como jornalista, pode ter sido a pessoa que o inspirou a desbravar territórios mais profundos em suas letras, explorando não apenas o amor romântico, mas também as complexidades da condição humana.

Outra mulher que cruzou o caminho de Raul foi a produtora musical Kika Seixas, com quem ele se casou mais tarde. Esse casamento proporcionou momentos de estabilidade e felicidade na vida do músico, mas, assim como suas músicas, o relacionamento com Kika não escapou ileso das tempestades emocionais. A união não era apenas um compromisso matrimonial, mas uma parceria que se estendia aos palcos e estúdios de gravação. Kika, com sua habilidade na produção musical, desempenhou um papel crucial na materialização de muitos dos álbuns icônicos do artista.

Tânia Menna Barreto foi a quinta e última mulher de Raul antes do seu falecimento em agosto de 1989. A relação com ela também não foi das mais fáceis, com brigas e internações compulsórias. Contando com a colaboração de Lena, Raul Seixas deu vida a composições marcantes, entre elas "*Quando Acabar o Maluco Sou Eu*", "*Paranoia II*", "*Loba*", "*A Pedra do Gênesis*", "*Fazendo o Que o Diabo Gosta*", "*Não Quero Mais Andar na Contra-Mão*" e "*Senhora Dona Persona*". Estas músicas foram lançadas nos álbuns "*Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!*" e "*A Pedra do Gênesis*", respectivamente, em 1987 e 1988.

Os últimos anos de vida do roqueiro foram caracterizados por um período de solidão, depressão e lutas contra o vício em drogas. Questões de saúde, derivadas do consumo excessivo de álcool, e desafios pessoais possivelmente desempenharam um papel significativo nas instabilidades de seus relacionamentos.

“Eu como marido sou uma merda total. Como Raul Seixas sou o homem ideal.” – (O Baú do Raul, p. 111)

A primeira música do lado B do álbum “*Sociedade Alternativa*” foi composta com a parceria de Paulo Coelho. A melodia, com sua combinação de acordes distintos e progressões marcantes, contribui para a atmosfera única da música. A fusão de elementos do rock com toques de música brasileira reforça a abordagem eclética do artista. A progressão de acordes é robusta, característica do estilo rock, com acordes de guitarra distorcida conferindo um caráter rebelde à composição. A transição entre acordes maiores e menores contribui para a atmosfera dinâmica da canção.

O ritmo da música é pulsante e enérgico, típico do rock. A presença proeminente da bateria e a linha de baixo bem definida fornecem uma base rítmica sólida. O andamento acelerado adiciona um impulso constante, refletindo a natureza revolucionária da mensagem da música. A melodia de “*Sociedade Alternativa*” é cativante e rebelde. A linha vocal é entregue com intensidade, correspondendo à temática de liberdade e autenticidade. A introdução de elementos melódicos da música brasileira, como a presença de percussão característica, contribui para a fusão única de influências musicais na composição. A adição de teclados e outros elementos eletrônicos complementa a sonoridade, proporcionando camadas adicionais à música. A dinâmica da música varia, criando contrastes notáveis entre as seções mais intensas e as partes mais suaves. Essa variação contribui para a narrativa musical e enfatiza as nuances da mensagem.

“*Sociedade Alternativa*” foi como uma plataforma para expressar suas visões contraculturais e desafiar as normas sociais. A música torna-se uma declaração de independência artística e um convite para pensar fora das convenções estabelecidas. Na obra “*Raul Seixas; O sonho da sociedade alternativa*”, a autora Luciane Alves descreve essa nova sociedade como um sonho, uma ideia considerada muitas das vezes utópicas, malucas e realistas. Durante os protestos que levaram ao impeachment do presidente Fernando Collor de Melo,⁴³ em 1992, os jovens e manifestantes frequentemente entoavam músicas e gritos de ordem como forma de expressar sua insatisfação e demandas por mudanças políticas. Segundo Luciane Alves, o hino entoado pelos jovens era *Sociedade Alternativa*, que na ocasião perceberam que Raul Seixas estava certo: “Se todos se unissem e pusessem para fora os seus desejos eles seriam alcançados” (Alves, 1993 P. 62).

No ano de 1974, a *Sociedade Alternativa* quase tomou forma real. Nesse período, Raul conquistou um terreno em Minas Gerais destinado à construção da Cidade das Estrelas,

⁴³ Fernando Collor de Mello é um político brasileiro que serviu como presidente do Brasil. Em 1992, enfrentou um processo de impeachment por acusações de corrupção e má administração. O movimento popular “Fora Collor” ganhou força, e ele renunciou ao cargo antes do término do processo de impeachment, em dezembro de 1992.

guiada pelos princípios da Lei de Thelema, que proclama: "*Faze o que tu queres pois é tudo da Lei*". O projeto não se concretizou devido à prisão de Raul e Paulo, levando-os ao exílio.

“Eu pertencia a uma sociedade exotérica na época, em setenta e quatro, que me deram um terreno em Minas Gerais pra eu construir uma cidade chamada “cidade das estrelas”. Onde o advogado era o não advogado, o policial era o não policial. Os conceitos e valores trocados, né?” – Raul Seixas).⁴⁴

Na verdade, a Sociedade Alternativa foi o terceiro movimento concebido por ele para disseminar suas ideias. Antes disso, criou o movimento "Sociedade da Grã-Ordem Kavernista" em maio de 1970/71, seguido pelo segundo chamado "Fundação de Krig-ha". Ao contrário dos dois movimentos anteriores, a sociedade alternativa transformou-se em uma canção, ou melhor ainda, em um hino.

[Trecho Letra]

Viva! Viva!
Viva a sociedade alternativa! (Viva! Viva! Viva!)
Viva! Viva!
Viva a sociedade alternativa!
Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá
Faça o que tu queres pois é tudo da lei, da lei.”

O refrão "Viva a sociedade alternativa!" destaca a ideia central da música, que incluíam a máxima "*Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei*",⁴⁵ uma filosofia que defende a liberdade. A letra sugere uma celebração da liberdade individual e da autenticidade. Expressa a ideia de que as pessoas deveriam ter o direito de fazer escolhas não convencionais, como tomar banho de chapéu ou discutir assuntos considerados fora do comum.

As linhas "*Tomar banho de chapéu / Ou esperar Papai Noel / Ou discutir Carlos Gardel*" ilustram a diversidade de experiências e interesses que podem coexistir em uma sociedade alternativa. São atividades que podem ser consideradas não tradicionais ou até excêntricas. Além disso, a letra traz referências filosóficas e culturais profundas. A menção a Carlos Gardel⁴⁶, o icônico cantor de tango, sugere uma ampla gama de referências culturais na

⁴⁴ Entrevista com Raul Seixas para a o programa Metropolis da TV cultura.

⁴⁵ "Faze o que tu queres, há de ser o todo da Lei". Esta frase, que é a base da Mágick de Aleister Crowley, está n'O Livro da Lei. Escrito no Cairo, em abril de 1904, O livro é a chave para o pensamento do mago no século XX.

⁴⁶ Carlos Gardel (11 de dezembro de 1890 - 24 de junho de 1935) foi um cantor, compositor e ator argentino, considerado uma das figuras mais importantes e influentes na história do tango.

música. Isso reflete a abordagem eclética do artista em suas composições, que muitas vezes incorporavam elementos de diversos gêneros culturais.

Gita

"Gita" é a sexta faixa do lado B do álbum. A inspiração para a música surgiu durante uma viagem à cidade de Dias d'Ávila, na Bahia. Paulo Coelho descreve a criação da canção como uma experiência quase espiritual, destacando a profundidade e a conexão com algo além do comum. A harmonia é notável pela fusão de elementos do rock com influências da música indiana, refletindo a temática espiritual da canção. A introdução apresenta acordes de guitarra marcantes, mas à medida que a música avança, há transições para acordes mais abertos e progressões modais⁴⁷ que evocam uma sensação mais exótica e mística. Essa mistura de estilos harmoniosos contribui para a singularidade da música. O ritmo é pulsante e energético, características típicas do rock. A presença proeminente da bateria e da guitarra elétrica cria uma base rítmica sólida, no entanto, há momentos na música em que o ritmo se torna mais cadenciado e contemplativo, especialmente durante as seções mais reflexivas da letra. Essas variações rítmicas contribuem para a narrativa dinâmica da canção. A melodia da música é diversificada, abrangendo diferentes escalas e intervalos⁴⁸. Raul Seixas utiliza sua voz de maneira expressiva, adaptando o estilo melódico às nuances emocionais da letra. As influências da música indiana são evidentes em certas passagens melódicas, especialmente quando a melodia assume contornos mais modais. Isso adiciona uma camada única à experiência auditiva, proporcionando uma experiência melódica envolvente. A combinação habilidosa de elementos harmônicos, rítmicos e melódicos em "Gita" não apenas reflete a maestria musical, mas também ressoa com a profundidade da mensagem espiritual presente na letra.

*“Eu que já andei
Pelos quatro cantos do mundo procurando
Foi justamente num sonho
Que ele me falou”. (Introdução da música Gita)*

⁴⁷ Conceito da música em que as progressões modais referem - se a sequências de acordes que seguem uma estrutura modal em vez de tonal.

⁴⁸ Sequência ordenada de notas musicais que segue um padrão específico de intervalos entre as notas.

A letra de "Gita" foi inspirada no poema "Bhagavad Gita", que através do diálogo entre Raul e Paulo, nasceu a ideia de criar uma canção que incorporasse os princípios e mensagens espirituais presentes no poema hindu. Segundo Carlos Minuano, em seu livro: Raul; *por trás das canções*, a canção mostra que no universo criativo da dupla havia muito mais do que as "ideias malucas" do guru Aleister Crowley. (MINUANO, p. 169).

Sobre a criação da música Paulo Coelho relata:

"Eu tava numa rede, ele veio e disse: "Pô! Aquele livro que você falou...Eu sou a luz das estrelas, eu sou a cor do luar, eu sou as coisas da vida... Eu me lembro que ele parou e disse: coisas da vida é só pra não perder a melodia. E eu disse: não, não, eu acho legal, eu acho legal". – Paulo Coelho (CARVALHO, Walter. 2012)⁴⁹

O Bhagavad Gita, parte épica do poema indiano Mahabharata, é um diálogo entre o príncipe Arjuna e o deus Krishna, que atua como seu cocheiro.⁵⁰ O cenário é o campo de batalha de Kurukshetra, onde Arjuna enfrenta uma crise moral e emocional ao lutar contra seus próprios parentes e mestres. Na narrativa, o guerreiro, em busca de orientação, indaga sobre a identidade do divino que, supostamente benevolente, o coloca em uma situação moralmente desafiadora, exigindo que ele participe do conflito que envolve a morte de seus próprios irmãos. A música traz um trecho específico do Bhagavad-Gita, no qual o Deus Krishna responde à indagação de Arjuna, revelando sua verdadeira identidade:

[Letra/Refrão]

Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar
Eu sou a beira do abismo
Eu sou o tudo e o nada
Eu sou o início, o fim e o meio.

Conforme a explicação de Raul, Bhagavad-Gita se traduz como o "canto do senhor". Já "Gita" por si só significa canto. Nessa canção, ele aborda a experiência humana, explorando o conflito entre as expectativas impostas aos indivíduos e sua verdadeira essência, aquilo que sempre desejaram ser. (Baú do Raul, p. 114).

Numa análise final, o álbum "Gita" permanece como um ponto de referência na sua discografia, sendo admirado não apenas por sua singularidade musical, mas também pelas mensagens intemporais que ecoam através de diferentes gerações. Em suma, esse trabalho é

⁴⁹ RAUL, O início, o Meio e o Fim. Walter Carvalho. Globo Filmes/TV Cultura, 2012. Filme, 100 min.

⁵⁰ Indivíduo que conduz os cavalos de uma carruagem.

mais do que um álbum de música; é uma jornada artística e espiritual que encapsula a genialidade criativa de Raul Seixas e Paulo Coelho, abordando questões universais com uma mistura única de sonoridades brasileiras e influências globais. Não por acaso, é o álbum de maior sucesso, com 600 mil cópias vendidas, rendendo ao cantor seu primeiro disco de ouro.

Novo Aeon – Álbum de 1975

Novo Aeon, lançado em 12 de novembro de 1975, é o quarto álbum solo. Gravado nos Estúdios CBD, no Rio de Janeiro, entre primeiro de setembro e meados de outubro de 1975, o álbum marca uma notável mudança de postura por parte de Raul, influenciada pelos problemas que levaram ao rompimento com seu então empresário, Guilherme Araújo. Esta transformação se reflete não apenas na sonoridade, mas também na imagem do artista, com o corte de cabelo e menos simbolismos em seu material. As letras, antes impregnadas de misticismo, passam a abordar mais diretamente os desafios do cotidiano.

Apesar da recepção fria da crítica especializada, com poucos elogios, especialmente daqueles mais alinhados com a estética rock, a gravadora Philips Records investiu em uma boa divulgação. O álbum contou com o lançamento de um compacto duplo e dois clipes musicais no programa Fantástico da Rede Globo. No entanto, as vendas ficaram aquém das expectativas, resultando em uma queda significativa em relação ao sucesso anterior. Porém, apesar das frustrações iniciais, Novo Aeon é reconhecido hoje como um dos melhores trabalhos de Raul Seixas. O álbum apresenta clássicos como "Tente Outra Vez" e "A Maçã".

A capa do álbum "Novo Aeon" é uma expressão visual intrigante que reflete a mudança de postura do artista naquela fase de sua carreira. Ao contrário de capas anteriores, que muitas vezes eram carregadas de simbolismos místicos, esta capa apresenta uma abordagem mais sóbria e direta. O design minimalista destaca-se pela presença marcante do rosto de Raul Seixas em preto e branco, sem os elementos extravagantes que costumavam adornar suas capas anteriores. O corte de cabelo curto do músico, em contraste com seu visual mais longo e rebelde em lançamentos anteriores, é um reflexo visual da mudança que ele estava passando. A escolha de tons mais sóbrios, com predominância de preto e branco, contribui para uma atmosfera mais contida, afastando-se da estética psicodélica ⁵¹ presente em

⁵¹ Psicodélico: uso exuberante da cor, das formas ornamentais, da estrutura complexa com obsessiva atenção para os detalhes. As formas expressam os estados de consciência expandidos ou alterados pela música, luz, meditação e substâncias alucinógenas.

outros trabalhos. Isso sugere uma abordagem mais realista e menos fantástica em relação às temáticas abordadas no álbum. A presença do título "Novo Aeon" em letras maiúsculas e limpas reforça a simplicidade e a clareza visual, indicando uma nova era para Raul, não apenas musicalmente, mas também em sua imagem pública. No geral, a capa de "Novo Aeon" é uma representação visual da transformação artística e pessoal do músico naquela fase, marcando um afastamento dos elementos místicos e uma busca por uma abordagem mais direta e realista em sua música e identidade.

Novo Aeon

A música "Novo Aeon", sétima do lado B do disco, possui nuances históricas e filosóficas que refletem não apenas o contexto da época, mas também as influências do pensamento do artista. A expressão "Novo Aeon" remete a uma ideia de renovação, sugerindo a busca por uma era diferente e mais promissora. Essa abordagem pode ser entendida como uma resposta ao contexto político autoritário da época, representando um anseio por mudanças e liberdade. Filosoficamente, a referência ao termo "Aeon" pode remeter a conceitos mais amplos, como os ciclos cósmicos e as eras espirituais. A letra da música pode ser interpretada como uma convocação para uma nova forma de ver o mundo, um convite à quebra de paradigmas e à exploração de novas perspectivas. Em muitas de suas canções, desafiava convenções e questionava a realidade, sendo um reflexo do espírito contracultural da época. A música pode ser compreendida como uma manifestação artística que transcende o momento histórico, buscando inspiração em ideias filosóficas e espirituais para expressar uma visão de renovação e transformação, tanto pessoal quanto coletiva.

[Trecho da Letra]

O sol da noite agora está nascendo
Alguma coisa está acontecendo
Não dá no rádio nem está
Nas bancas de jornais
Em cada dia ou qualquer lugar
Um larga a fábrica
O outro sai do lar
E até as mulheres ditas escravas
Já não querem servir mais...

(Parte falada)

Sociedade alternativa
Sociedade novo aeon
É um sapato em cada pé

É direito de ser ateu
Ou de ter fé
Ter prato entupido de comida
Que você mais gosta
É ser carregado, ou carregar
Gente nas costas
Direito de ter riso e de prazer
E até direito de deixar
Jesus sofrer..

A parte falada reforça o conceito central da música, assim, é utilizada para aprofundar a compreensão do ouvinte sobre a transformação proposta, criando uma conexão mais íntima com a mensagem. Em suma, a parte falada não apenas complementa a experiência musical, mas também amplifica a carga emocional e filosófica da canção. Ao introduzir uma narrativa introspectiva e profética, Raul eleva a composição para além de uma simples expressão musical, transformando-a em uma jornada reflexiva sobre a busca por um novo significado na vida.

Analisando o contexto histórico e social, a referência ao "*sol da noite*" e a sensação de algo acontecendo pode ser interpretada como uma alusão ao contexto político conturbado do Brasil nos anos 1970. A busca por liberdade e transformação social era uma temática recorrente na música brasileira desse período. A letra também traz elementos místicos, como a "*flauta da mãe serpente*" e a referência ao "*para-inferno de Adão*". A referência à "mãe serpente" pode ser entendida como uma alusão à serpente do Jardim do Éden ⁵²na mitologia judaico-cristã. Nessa narrativa, a serpente desempenha um papel crucial ao apresentar a Eva o fruto proibido, conhecido como o fruto do conhecimento do bem e do mal. Segundo a história bíblica, Eva cede à tentação, consome o fruto e, por sua vez, oferece a Adão, levando ambos a incorrerem no chamado "pecado original"⁵³. Essa referência pode sugerir uma reflexão mais profunda sobre temas como tentação, conhecimento e as consequências da busca por compreensão e liberdade.

A busca por mudanças sociais e a desconstrução de normas estão bastante presentes na canção. A letra destaca uma mudança na sociedade, onde as mulheres já não querem mais servir, e as pessoas não se encaixam mais nos papéis tradicionais. Há uma desconstrução de normas sociais estabelecidas, indicando uma busca por uma sociedade mais livre e igualitária. Pode-se observar essas questões no seguinte trecho:

⁵² Na tradição judaico-cristã, o Jardim do Éden (em hebraico: גַּן־עֵדֶן – gan-‘Éden), também chamado de Paraíso, é o "jardim de Deus" descrito no Livro do Gênesis e no Livro de Ezequiel.

⁵³ O pecado original é uma doutrina cristã que pretende explicar a origem da imperfeição humana, do sofrimento e da existência do mal através da queda do homem.

[Trecho da Letra]
Em cada dia ou qualquer lugar.
Um larga a fábrica e o outro sai do lar.
E até as mulheres, ditas escravas já não querem servir mais.

A menção de alguém saindo da fábrica e outro deixando o lar pode ser interpretada como uma crítica à rotina tradicional de trabalho e à divisão convencional de papéis de gênero, em que o homem geralmente era associado ao trabalho fora de casa, enquanto a mulher era responsável pelos afazeres domésticos. Em contrapartida, a ideia de que *não há mais culpado ou inocente*, e que cada pessoa é diferente, sugere uma aceitação da diversidade e uma rejeição de julgamentos simplistas. O trecho "*Querer o meu não é roubar o seu*" enfatiza a busca por direitos individuais sem prejudicar os outros. Já a metáfora da *dança do bebê* representa uma nova forma de viver e de encarar a vida, livre das amarras e normas restritivas.

Desse modo, "Novo Aeon" propõe a concepção de uma "sociedade alternativa" e a chegada de uma nova era, nos quais as pessoas são defendidas em seu direito fundamental de serem autênticas, independentemente de suas crenças, preferências e papéis sociais tradicionais. A inclusão da referência ao direito de ser ateu ou ter fé destaca, de maneira notável, a ênfase na aceitação da diversidade de crenças como parte integrante dessa visão de uma sociedade mais livre e inclusiva.

“Cada vez que eu passo por um dia aqui, ali, catando, olhando, pensando, eu vou adquirindo um novo conceito das coisas que me cercam.” – (O Baú do Raul, p. 24)

Tente outra vez

A canção “Tente outra vez”, primeira do lado A, foi composta por Raul, Paulo Coelho e Marcelo Mota. A melodia de "Tente Outra Vez. A progressão de acordes cria uma atmosfera que oscila entre a melancolia e a esperança, contribuindo para a emoção global da música. Os arranjos musicais são relativamente simples, o que destaca a beleza da simplicidade. A ênfase na voz e na guitarra acústica permite que a mensagem da música ressoe de maneira clara e direta.

A interpretação vocal de Raul Seixas é intensa e emotiva. Sua interpretação transmite a profundidade das letras, proporcionando uma conexão emocional forte com o público. A

música segue uma progressão narrativa, desde o reconhecimento das dificuldades até a mensagem final de perseverança. Essa estrutura contribui para a jornada emocional experimentada pelos ouvintes ao longo da canção, incorporando elementos de rock e folk, mostrando a versatilidade musical que ele possuía. A combinação desses estilos adiciona profundidade à sonoridade, tornando-a acessível a uma variedade de públicos.

[Trecho da Letra]

Veja
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fê em Deus
Tenha fê na vida
Tente outra vez
Beba, beba
Pois a água viva
Ainda tá na fonte
Você tem dois pés
Para cruzar a ponte
Nada a_ca__bou, não, não, não

A canção foi lançada em 1975, um período marcado por mudanças políticas e sociais no Brasil, no qual as pessoas buscavam esperança e resistência. "Tente outra vez" pode ser compreendida como um hino de perseverança em meio aos desafios encontrados nos chamados "anos de chumbo"⁵⁴, ocorridos entre 1968 a 1974.

[Segunda Parte]

Tente
Levante sua mão sedenta
E recomece a andar
Não pense que a cabeça aguenta
Se você parar
Não, não, não, não, não, não
Há uma voz que canta
Há uma voz que dança
Uma voz que gira, gira
Bailando no ar

É importante enfatizar que a inspiração para a música pode ter vindo diretamente da vida desafiadora que Raul Seixas estava enfrentando na época. Após o sucesso estrondoso do álbum anterior, "Gita", ele se deparou com dificuldades tanto em sua carreira quanto em sua vida pessoal. Esses momentos adversos tornaram-se a matéria-prima para a criação desta

⁵⁴ Expressão usada em referência ao período entre o fim da década de 1960 e início da década seguinte no Brasil. Nesse período o Brasil foi governado, na maior parte do tempo, pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, considerado um representante dos militares linha dura.

canção, na qual ele compartilhou suas próprias experiências de fracassos e derrotas, transmitindo uma mensagem universal..

Há Dez Mil Anos Atrás – Álbum de 1976

“*Há 10 Mil Anos Atrás*”, lançado em dezembro de 1976, é o quinto álbum solo de Raulzito. O disco foi gravado nos estúdios Phonogram na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, entre maio e novembro daquele ano, o álbum marcou o seu retorno ao misticismo que definiu seu auge artístico. Antecedendo este lançamento, enfrentou uma fase de baixas vendas com o álbum *Novo Aeon*, no ano anterior, quando modificou sua abordagem e temática musical. O trabalho representa, assim, uma retomada desse estilo místico e marca uma recuperação em vendas. Apesar da recepção negativa, alguns críticos mais próximos ao cantor elogiaram seu trabalho. A gravadora Philips Records investiu na divulgação, incluindo um clipe musical no programa *Fantástico da Rede Globo*. O álbum apresentou vendas positivas, contribuindo para superar o desempenho anterior. *Há 10 Mil Anos Atrás* é considerado hoje um dos pontos altos da carreira de Raul Seixas, destacando-se por dois de seus maiores sucessos: “*Eu Também Vou Reclamar*” e “*Eu Nasci Há 10 Mil Anos Atrás*”, e “*Meu amigo Pedro*”.

A capa do álbum retrata uma mudança significativa em sua imagem. Após o rompimento com seu empresário Guilherme Araújo em 1974, iniciou uma transformação visual em 1975, caracterizada pelo corte de cabelo e pela redução dos elementos esotéricos presentes em seus álbuns. No entanto, essa estratégia não obteve sucesso, resultando na retomada da imagem do mago, profeta e guru neste álbum específico. Essa mudança na imagem reflete não apenas as escolhas estilísticas do artista, mas também pode ser interpretada como uma resposta à recepção do público e à tentativa de se reconectar com a identidade que o caracterizava artisticamente. A volta à imagem do mago, do profeta e do guru pode sugerir uma reconciliação com a expressão artística mais simbólica e esotérica que permeava seu trabalho anteriormente. Essa oscilação na sua imagem não apenas destaca a complexidade de sua jornada artística e pessoal, mas também revela a importância da identidade visual na construção da narrativa de um artista..

Canto para minha Morte

O disco inicia com a canção "*Canto para minha Morte*", emerge como um tango no estilo Piazzola⁵⁵, iniciando com uma parte declamada que se assemelha a um discurso sobre a morte, e que, de maneira singular, se revela como um irrecusável apelo à vida, inspirado no estilo filosófico de Albert Camus⁵⁶. Nesta melodia envolvente, se estabelece uma conexão profunda com o mito da alma gêmea, sugerindo que a morte pode ser o grandioso segredo da vida.

A composição transcende o convencional ao apresentar a morte não como um fim absoluto, mas como um elemento misterioso e imprevisível. Raul, através da letra, lança mão de um toque camusiano, rompendo com a "normalidade" do cotidiano e introduzindo uma perturbação que destaca a incerteza inerente à existência. A canção se desdobra como uma reflexão sobre a imortalidade, sugerindo que a morte pode ser tanto um mistério quanto um catalisador para a compreensão mais profunda da vida. Assim, a música não apenas incorpora a essência característica dos tangos à moda de Piazzola, mas também tece uma narrativa lírica que desafia as convenções, oferecendo uma perspectiva única sobre a relação entre vida, morte e a imprevisibilidade que permeia o tecido da existência.

Por meio de uma expressiva poesia, delinea uma perspectiva peculiar sobre a morte, dividindo-a em dois polos distintos. Há um lado que ele rejeita, uma face sombria que evoca temores e resistência. No entanto, contrastando essa recusa, Raul confessa: "abraço a outra face da morte de braços abertos, desde que se apresente de maneira esteticamente bela"⁵⁷. A aceitação da morte, quando revestida de uma forma que transcende a morbidez, sugere a busca do artista por uma transcendência poética, onde a morte é percebida como uma experiência esteticamente enriquecedora. Essa dualidade na visão sobre a morte pode ser assimilada como uma complexa interação entre o temor do desconhecido e a apreciação da beleza que pode emergir mesmo nos momentos finais. Assim, a dualidade na percepção sobre a morte, entre rejeição e aceitação estética, oferece um vislumbre da complexidade de suas reflexões sobre a mortalidade, enquanto a sombra do medo, agravada pelos eventos externos, adiciona uma camada mais profunda à sua experiência artística e pessoal.

⁵⁵ Astor Piazzolla foi um renomado bandoneonista, compositor e arranjador argentino. Ele é amplamente reconhecido por sua contribuição significativa para o tango, um gênero musical argentino tradicional, transformando-o e elevando-o a novos patamares.

⁵⁶ A filosofia de Camus trata, ao contrário, o absurdo como o ponto de partida de suas considerações. A relação do ser humano com a natureza é absurda e nada pode ser feito para mudar isso. Dessa forma, reconhecendo o absurdo e a impossibilidade de dissolvê-lo, é preciso viver com ele, da melhor forma possível.

⁵⁷ Entrevista com Raul Seixas na TV Cultura

A apreensão de Raul em relação ao assassinato, mencionada por Luciane Alves, reflete não apenas um receio pessoal, mas também uma paranoia compartilhada por muitos artistas, um medo amplificado pelo trágico assassinato de John Lennon⁵⁸. Esse evento marcante intensificou suas preocupações, alimentando sua inquietação em relação à segurança pessoal e à fragilidade da vida artística. Em diversas entrevistas Raul demonstrava o medo que ele sentia em receber um tiro quando estivesse se apresentando publicamente.

[Trecho da Letra]

Eu sei que determinada rua que eu já passei
Não tornará a ouvir o som dos meus passos
Tem uma revista que eu guardo há muitos anos
E que nunca mais eu vou abrir
Cada vez que eu me despeço de uma pessoa
Pode ser que essa pessoa esteja me vendo pela última vez
A morte, surda, caminha ao meu lado
E eu não sei em que esquina ela vai me beijar
Com que rosto ela virá?
Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer?
Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque?
Na música que eu deixei para compor amanhã

“Tudo me cansa: as revelações da vida, a vida, a presença da morte nos meus calcanhares, nos meus ouvidos...” (O Baú do Raul, pag. 26)

Meu amigo Pedro

A música *Meu amigo Pedro* é a segunda canção do álbum, e apresenta uma fusão de estilos, combinando elementos do rock, blues e música brasileira. A instrumentação é marcante, com destaque para a guitarra distorcida que cria uma atmosfera intensa e enérgica. A presença de elementos percussivos, como a bateria e percussão, adiciona dinamismo à música. Além disso, há elementos de música brasileira, como o uso de violões e arranjos que remetem à tradição musical do país. A combinação de acordes de guitarra, o uso expressivo da voz de Raul, e os momentos mais suaves da melodia, contribuem para a atmosfera única da canção. O ritmo é pulsante, impulsionando a narrativa e transmitindo uma sensação de urgência.

⁵⁸ John Winston Ono Lennon foi um cantor, compositor e ativista da paz britânico que fundou os Beatles, a banda de maior sucesso comercial na história da música popular.

A música reflete a diversidade cultural, incorporando elementos do rock globalizado da época, e elementos da música brasileira. Na esfera social, a letra dialoga com os temas preeminentes da década de 1970, destacando-se a busca intensa por liberdade e a adesão à contracultura. A mensagem de autoconhecimento e questionamento existencial ⁵⁹encontrada na canção ressoa vividamente com uma geração imersa em um cenário de significativas transformações sociais e políticas. Essa narrativa musical serve como uma expressão artística que ecoa os anseios e inquietações de uma época em que muitos buscavam forjar uma identidade própria frente às mudanças socioculturais e políticas em curso.

[Trecho da Letra]

Muitas vezes Pedro você fala
Sempre a se queixar da solidão
Quem te fez com ferro fez com fogo, Pedro
É pena que você não sabe não
Vai pro seu trabalho todo dia
Sem saber se é bom ou se é ruim
Quando quer chorar vai ao banheiro
Pedro, as coisas não são bem assim
Toda vez que eu sinto o paraíso
Ou me queimo torto no inferno
Eu penso em você meu pobre amigo
Que só usa sempre o mesmo terno

[Refrão]

Pedro onde você vai eu também vou
Pedro onde você vai eu também vou
Mas tudo acaba onde co_me_çou
Tente me ensinar das tuas coisas
Que a vida é séria, e a guerra é dura
Mas se não puder, cale essa boca, Pedro
E deixa eu viver minha loucura
Lembro, Pedro, aqueles velhos dias
Quando os dois pensavam sobre o mundo
Hoje eu te chamo de careta, Pedro
E você me chama vagabundo

Ao longo da narrativa musical, o eu lírico estabelece uma comparação entre sua própria jornada e a de Pedro, evidenciando divergências nas escolhas e perspectivas de vida. Pedro é apresentado como alguém que trilha um caminho mais convencional e seguro, enquanto o eu lírico se retrata como alguém que abraça uma existência mais livre ⁶⁰e espontânea. A repetição do verso '*Pedro, onde você vai eu também vou*' adquire uma dimensão irônica, insinuando que, apesar das aparências distintas, ambos estão sujeitos às mesmas incertezas inerentes à existência.

59

⁶⁰ Para o filósofo Jean-Paul Sartre, a essência da existência humana reside na liberdade radical. Ele argumenta que os seres humanos não têm uma natureza predefinida ou um propósito intrínseco; em vez disso, somos lançados no mundo e somos responsáveis por criar nosso próprio significado e propósito.

A canção também aborda a ideia de que todos os caminhos podem conduzir tanto à glória quanto à perdição, sendo a verdadeira distinção encontrada no conteúdo do coração de cada indivíduo. A música convida o ouvinte à reflexão sobre a própria vida e a importância de viver em conformidade com seus valores e desejos, mesmo que isso implique ser rotulado como *'vagabundo' ou 'careta' pelos outros*. "Meu Amigo Pedro" emerge como um hino à individualidade e à coragem de abraçar a autenticidade.

A figura do "amigo Pedro" na canção pode ser compreendida de diferentes maneiras. Enquanto alguns sugerem que Pedro pode ser um amigo imaginário criado para dar vida à canção, há também a possibilidade de que Raul Seixas estivesse se referindo ao seu próprio irmão, Plínio, conforme afirmado por ele mesmo. Segundo as palavras de Plínio, a música foi feita para ele. Essa perspectiva adiciona uma dimensão pessoal à composição, sugerindo que a letra pode refletir elementos da relação entre ele e o seu irmão. Essa interpretação acrescenta uma camada de intimidade e significado à música, proporcionando aos ouvintes uma visão mais pessoal da inspiração por trás da canção. Independentemente da interpretação escolhida, a música continua a ser uma expressão única, capturando elementos de suas experiências e relações pessoais.

Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás

O álbum encerra-se com a faixa "Eu Nasci Há 10 Mil Anos Atrás", um rock estilizado com influências da música country. O título, o tema e a letra da música foram inspirados em uma canção gravada por Elvis Presley, no álbum "Elvis Now" de 1972. A canção original de Elvis, intitulada "I Was Born About Ten Thousand Years Ago", ⁶¹é uma adaptação de uma música tradicional, de domínio público. Ao comparar as duas versões, nota-se que Raul Seixas e Paulo Coelho fizeram diversas modificações na letra, expandindo as ideias da canção original que se baseavam principalmente em temas bíblicos. O arranjo instrumental é dinâmico, com destaque para a guitarra distorcida e a presença de instrumentos característicos da música country, como violões. A combinação de elementos elétricos e acústicos cria uma textura musical interessante e envolvente. A música apresenta variações de

⁶¹ I Was Born About Ten Thousand Years Ago. Tradução para o português; Eu nasci uns dez mil anos atrás. <https://www.vagalume.com.br/elvis-presley/i-was-born-about-ten-thousand-years-ago-traducao.html>

ritmo ao longo de sua duração, criando momentos de intensidade e calma. Essa dinâmica contribui para a narrativa musical e mantém o interesse do ouvinte ao longo da faixa.

[Trecho da Letra]

Eu nasci há dez mil anos atrás
E não tem nada nesse mundo
Que eu não saiba demais
Eu vi Cristo ser crucificado
O amor nascer e ser assassinado
Eu vi as bruxas pegando fogo
Pra pagarem seus pecados, eu vi
Eu vi Moisés cruzar o Mar Vermelho...
Vi Maomé cair na terra de joelhos
Eu vi Pedro negar Cristo por três vezes
Diante do espelho, eu vi...

A canção ganha um novo significado, especialmente ao fazer alusão à troca das eras na astrologia, ecoando o título do disco anterior, "Novo Aeon". Além disso, a letra da música carrega críticas, destacando a oposição entre a mensagem de Cristo e as ações da Igreja organizada. Essa abordagem crítica sugere uma reflexão mais ampla sobre questões espirituais, sociais e filosóficas. A letra traz uma reflexão sobre a história da humanidade, questionando os rumos que a sociedade tomou ao longo do tempo. Do ponto de vista político, a música sugere uma crítica à maneira como o poder é exercido e como as sociedades são organizadas. Assim, são abordados temas como; opressão, dominação e desigualdade, questionando se realmente a sociedade na qual ele estava observando teria evoluído como civilização ao longo dos milênios, ou se continua presa em um ciclo de repetição e de erros.

Filosoficamente, a letra pode ser interpretada como uma reflexão sobre o sentido da existência humana e a busca por um propósito maior, questionando se o homem moderno está verdadeiramente mais evoluído do que seus antepassados, ou se perdeu contato com aspectos essenciais da vida na busca incessante por progresso material. Além disso, a música sugere uma visão cíclica da história, onde os mesmos padrões de comportamento e conflitos se repetem ao longo do tempo. Essa ideia está alinhada com conceitos filosóficos como o *Eterno Retorno*⁶² de Friedrich Nietzsche, que sugere que a história se repete infinitamente.

*“Eu sou astrólogo
Eu sou astrólogo
Vocês precisam acreditar em mim
Eu sou astrólogo
Eu sou astrólogo
E conheço a história do princípio ao fim.”*

⁶²Segundo Nietzsche, o *eterno retorno* é uma espécie de movimento circular e repetido de acontecimentos idênticos, tanto em relação ao homem como à totalidade do mundo.

(Trecho da canção Al Capone do álbum Krig-ha, Bandolo! -1973)

O Dia em que a Terra Parou - Álbum de 1977

"O Dia Em Que a Terra Parou" é o sétimo disco de estúdio de Raul Seixas, lançado em dezembro de 1977. Este álbum marca uma nova fase em sua vida com a mudança para a gravadora Warner Music Brasil, também conhecida como Warner Bros (WEA). Na capa, o roqueiro apresenta cabelo curto e veste terno e gravata, refletindo uma transformação estética e pessoal. Com uma duração de trinta e quatro minutos, o disco mescla diversos gêneros, incluindo Rock-Balada, Funk, MPB e Baião. As gravações foram desafiadoras devido aos problemas de Raul com álcool e drogas. No entanto, o produtor Marco Mazzola reuniu talentosos músicos de estúdio, incluindo membros do Azymuth e da Banda Black Rio, além de destacados artistas como Hélio Delmiro e Luiz Cláudio Ramos. A participação especial do guitarrista de jazz Lee Ritenour adicionou um toque único. A capa, desenhada por Roberto Magalhães, retrata Raul parcialmente enterrado em um deserto, simbolizando a transformação artística e a luta contra seus desafios pessoais.

"O Dia Em Que a Terra Parou" foi significativo não apenas como o sétimo álbum de sua carreira, mas também marcou a parceria com Cláudio Roberto, um antigo amigo e colaborador de composições. Destaca-se a participação de Gilberto Gil na faixa "Que Luz é Essa" e a gravação de um videoclipe para a TV Globo com a música "Maluco Beleza", adicionando um elemento visual à obra. Esta colaboração e a presença de artistas renomados contribuíram para o impacto e diversidade do álbum.

Maluco Beleza

A segunda faixa do lado A do disco, intitulada "Maluco Beleza", tem cerca de três minutos de duração e permanece uma das canções mais tocadas de Raul Seixas. Até hoje, é fortemente associada à sua imagem e personalidade. A música, criada em colaboração com Cláudio Roberto, começou com uma harmonia melancólica apresentada por ele, culminando posteriormente na criação da letra. A combinação única de melodia e poesia contribuiu para a duradoura popularidade da composição. A faixa destaca-se por sua fusão de estilos,

incorporando elementos de rock, baião e influências tropicais. A melodia apresenta riffs de guitarra distintos e uma batida pulsante, refletindo a diversidade musical proposta por eles.

[Trecho Letra]
Enquanto você se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real

A letra é poética e provocativa, transmitindo a atitude irreverente e a busca pela liberdade. A expressão "maluco beleza" tornou-se icônica, representando a singularidade e autenticidade do artista. Embora Raulzito seja geralmente associado à figura central da música "Maluco Beleza", a canção foi escrita e inspirada no estilo de vida no seu parceiro de composição, Cláudio Roberto⁶³. Isso não nega o fato dele sempre ter sido considerado "maluco" aos olhos sociais, sendo ele mesmo uma figura excêntrica. Da mesma forma, Cláudio Roberto, em sua cidade natal Miguel Pereira, era percebido como um sujeito diferente, recluso e avesso a padrões e normas, contribuindo para a complexidade e autenticidade da música.

O estilo de vida de "Maluco Beleza" não se limitava apenas à sua música, mas também se refletia em seu comportamento. Desde a juventude, os pais de Raul se questionavam como um jovem de classe média pode se interessar por blusões de couro, cabelo estilo James Dean, e bebidas alcoólicas. Mesmo enquanto produtor na CBS, gravou um disco sem a autorização do proprietário da gravadora, demonstrando sua tendência a desafiar o convencional e o correto, sem se preocupar com as consequências. É possível destacar aqui várias ocasiões em que Raul Seixas agiu de maneira excêntrica, no entanto, é importante ressaltar que o uso de álcool e drogas ampliou seu repertório, desde os momentos em que ele comparecia embriagado às gravações até os shows em que perdia o controle, esquecendo letras e danificando equipamentos no palco. Esses comportamentos contribuíram para sua reputação de ser imprevisível, rebelde e maluco.

[Trecho da Letra]
Controlando a minha maluquez
Misturada com minha lucidez...

⁶³ Cláudio Roberto Andrade de Azeredo, creditado apenas como Cláudio Roberto, foi um compositor e músico brasileiro. Um dos maiores amigos e principais parceiros de composição de Raul Seixas, Cláudio foi o único com quem o cantor realizou um álbum inteiro "*O Dia em que a Terra Parou*".

Este trecho sugere uma reflexão sobre a dualidade da natureza humana e a busca por equilíbrio entre os impulsos irracionais e a razão. Embora reconhecendo a presença de impulsos ou instintos considerados uma “*maluquez*” ou irracionais dentro de si mesmo, incluindo desejos, emoções intensas e comportamentos que desafiam as normas sociais. Por outro lado, ele também menciona sua “*lucidez*”, ou seja, sua capacidade de pensar de forma clara e racional. Isso sugere que ele não está completamente entregue aos seus impulsos, mas é capaz de discernir entre o que é razoável e o que não é.

"A arte de ser louco é jamais cometer a loucura de ser um sujeito normal".

"Quero a certeza dos loucos que brilham. Pois se o louco persistir na sua loucura, acabará sábio". – Raul Seixas.

O dia em que a terra parou

“O dia em que a terra parou” é a terceira faixa do álbum. Esta canção, lançada no álbum de mesmo nome, é uma das mais emblemáticas da sua carreira, tanto pela sua melodia cativante quanto pelas suas letras carregadas de significado.

Musicalmente, a canção apresenta uma introdução marcante com um riff de guitarra distinto que se repete ao longo da música, proporcionando uma sensação de urgência e mistério. A batida da bateria e o baixo pulsante sustentam o ritmo, criando uma atmosfera hipnótica que prende a atenção do ouvinte desde o início. A melodia vocal é bastante expressiva, transmitindo uma mistura de desafio e incerteza conforme ele canta. Os vocais são acompanhados por harmonias de fundo que adicionam profundidade e textura à música, intensificando sua emotividade.

[Trecho da Letra]

Essa noite
Eu tive um sonho de sonhador
Maluco que sou, eu sonhei
Com o dia em que a Terra parou
Com o dia em que a Terra parou
Foi assim
No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro
Resolveram que ninguém ia sair de casa
Como que se fosse combinado, em todo o planeta
Naquele dia ninguém saiu de casa...Ninguém...

Raul Seixas era frequentemente chamado de "profeta do apocalipse", e para algumas pessoas, essa música pode ser vista como uma espécie de profecia. De fato, a letra da canção aborda experiências que são surpreendentemente semelhantes ao que ocorreu recentemente com a pandemia da Covid-19⁶⁴, um momento em que a população mundial teve que lutar contra um vírus que ceifou milhares de vidas. A música parece prever um evento cataclísmico que interrompe a vida cotidiana e força as pessoas a repensarem suas prioridades e valores. Os versos sobre pessoas caminhando sem se verem, uma cidade que perdeu sua alma e o mundo que parou de girar evocam uma sensação de desolação e desespero que muitos experimentaram durante os tempos difíceis da pandemia.

[Trecho da Letra]

O empregado não saiu pro seu trabalho
Pois sabia que o patrão também não tava lá
Dona de casa não saiu pra comprar pão
Pois sabia que o padeiro também não tava lá
E o guarda não saiu para prender
Pois sabia que o ladrão também não tava lá
E o ladrão não saiu para roubar
E nas Igrejas nem um sino a badalar
Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá
E os fiéis não saíram pra rezar
Pois sabiam que o padre também não tava lá
E o aluno não saiu para estudar
Pois sabia, o professor também não tava lá
E o professor não saiu pra lecionar
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar
O comandante não saiu para o quartel
Pois sabia que o soldado também não tava lá
E o soldado não saiu pra ir pra guerra
Pois sabia que o inimigo também não tava lá
E o paciente não saiu pra se tratar
Pois sabia que o doutor também não tava lá
E o doutor não saiu pra medicar
Pois sabia que não tinha mais doença pra curar.

Assim como a música "Ouro de Tolo" de 1974, a composição "O Dia em que a Terra Parou" também é uma crítica às aspirações consumistas exageradas da classe média. Em meio ao contexto do "milagre econômico" promovido pela ditadura, ele denunciava a falsidade desse suposto progresso, destacando a persistente e extrema desigualdade de renda na sociedade. Em uma passagem da canção, ele expressa sua percepção crítica: *“Quando eu fiz Ouro de Tolo / Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse / Mas eles só vão entender o que eu falei / No esperado dia do eclipse”*, relatou em “As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor”, terceira faixa do LP Gita (Philips, 1974). Essas palavras revelam

⁶⁴ Covid 19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível.

não apenas sua visão crítica da sociedade, mas também sua confiança de que as pessoas eventualmente compreenderiam a verdade por trás de suas letras. Portanto, longe de ser um profeta, Raulzito era um crítico contundente da sociedade de consumo e dos problemas presentes em seu tempo.

Mata Virgem – Álbum de 1978

Mata virgem é o oitavo álbum de estúdio, foi lançado no ano de 1978 pela Warner Music Brasil. Durante o lançamento, Raul se retirou para uma fazenda na Bahia, buscando se recuperar de uma pancreatite causada pelo consumo excessivo de álcool, uma condição que o acompanhou por muitos anos e eventualmente contribuiu para sua morte. Foi lá que ele conheceu sua futura companheira, Tânia Menna, com quem compôs a música "Mata Virgem". Durante esse período, também retomou brevemente sua parceria com Paulo Coelho em algumas músicas, como "Judas" e "As Profecias". No entanto, a relação entre os dois era complicada e tumultuada, resultando nesse sendo o último álbum em que colaboraram juntos.

O disco foi trabalhado sob a direção artística de Marco Mazzola e a direção musical do próprio Raul. A guitarra elétrica foi conduzida por Rick Ferreira, Claudio Stevenson e Pepeu Gomes, cada um trazendo sua própria estética e estilo ao som. Rick Ferreira também empresta sua destreza na viola caipira, adicionando uma dimensão tradicional e regional as músicas. Nos teclados, Antônio Adolfo e Miguel Cidras trouxeram a harmonia, enquanto o baixo foi manejado por Paulo César Barros, Dadi Carvalho e Jamil Joanes, fornecendo uma base sólida e pulsante para as composições. O design central da capa é composto principalmente pelo título do álbum, "Mata Virgem", escrito em letras grandes e estilizadas. Esse título ocupa a maior parte do espaço visual, tornando-se o foco principal da capa.

O álbum apresenta uma abordagem mais minimalista e direta, destacando-se por sua simplicidade e pela escolha de elementos visuais que evocam certa atmosfera e contexto para a obra musical. Uma cena intrigante se desenrola: uma roupa composta por uma camisa bege, botas, óculos escuros e um capacete vermelho de construção é deixada de forma descuidada em um cenário aparentemente abandonado. Próximo ao centro da imagem, um quadro retrata Raul Seixas vestindo exatamente essa mesma roupa, imerso em uma construção de pilastras de concreto. Essa composição visual sugere uma interação entre o mundo real e o simbólico, convidando o espectador a refletir sobre temas como trabalho, construção, identidade e

autoexpressão presentes na obra. A escolha desses elementos visuais pode proporcionar uma conexão intrigante com o conteúdo musical do álbum e estimular diferentes interpretações. A opção por um design mais simples e direto pode ter sido intencional para criar um impacto visual imediato e memorável. A ausência de elementos gráficos complexos pode permitir que o título do álbum se destaque de forma clara e distinta. Segundo Fábio Campos Coelho, a ausência de temas políticos neste disco permite uma abordagem mais ampla de questões existenciais, como amor, medo, eventos bíblicos e sexo.

“A escolha pelo disco *Mata Virgem* decorre de ele não ter tanta visibilidade como acontece em muitos LPs do autor, por exemplo, *Gita* e *Novo Aeon*. Numa linguagem informal, podemos dizer que tal disco é o *lado B* de Raulzito, ou seja, aquele pouco ouvido. Isso se deve, talvez, à ausência da veia política na obra. Essa representação de um Raul não engajado, poeta desprendido dos fatos políticos do Brasil, mostra sua outra face, mudando o foco do combate contra a Ditadura para temas existenciais mais amplos que a repressão vivida no Brasil naquele momento. (COELHO, P. 2).

Mata Virgem

"Mata Virgem" compõe a segunda música do lado B. Apesar de sua brevidade, com apenas dois minutos e vinte e quatro segundos de duração, a profundidade da letra é notável. A composição desta peça é atribuída a em colaboração com sua parceira e esposa na época, Tânia Menna Barreto. A canção mergulha em temas que transcendem o tempo e o espaço, oferecendo uma reflexão profunda e significativa sobre a vida, o amor ou questões existenciais.

A melodia é marcada por linhas vocais suaves e emotivas, que acompanham as letras poéticas da música. Há uma combinação de notas longas e curtas, criando um senso de ritmo e fluidez ao longo da música. O ritmo é principalmente guiado pela percussão sutil, com destaque para o uso de instrumentos de percussão como pandeiro, que podem evocar uma sensação de ritmo da Bossa Nova ou Samba. A bateria fornece um suporte rítmico sólido, mantendo o tempo e adicionando uma sensação de “groove”⁶⁵ à música.

A harmonia é relativamente simples, mas eficaz, com acordes que se encaixam harmoniosamente para criar uma sensação de serenidade e beleza. Os acordes utilizados podem variar dependendo da interpretação da música, mas geralmente incluem progressões

⁶⁵ Groove, popularmente também chamado de levada ou clave, são padrões rítmicos curtos que servem como guia na música em sua dimensão rítmica; elementos musicais fundamentais que normalmente são repetidos, é também, a sensação de um efeito ("sentir") da mudança de padrão em um ritmo propulsivo ou sensação de "swing".

comuns da música popular brasileira, como acordes maiores e menores, adicionando profundidade emocional à composição. As mudanças de acordes são sutis e bem executadas, contribuindo para a atmosfera suave e envolvente da música.

[Trecho da Letra]
Você é um pé de planta
Que só dá no interior
No interior da mata
Coração do meu amor
Você é roubar manga
Com os moleques no quintal
É manga rosa espada
Guardiã no matagal
Qual flor de uma estação
Botão fechado eu sou
Se amadurecendo
Pra se abrir pro meu amor
Qual flor de uma estação
Botão fechado eu sou
Se amadurecendo
Pra se abrir pro meu amor
Úmida de orvalho
Que o sol não enxugou
Você é mata virgem

A mudança na abordagem musical refletia uma nova fase em sua vida, marcada por desafios pessoais e uma busca por uma vida mais tranquila e rural. O uso excessivo de drogas estava afetando sua saúde e contribuindo para sua depressão, levando-o a repensar suas prioridades e estilo de vida. Os sons e o ritmo frenético da vida urbana contribuíam para sua depressão, o que o motivou a buscar um ambiente mais calmo e sereno. Essa transição para uma vida mais rural e sossegada não apenas influenciou suas escolhas musicais, mas também refletiu em sua abordagem lírica e temática. Essa nova etapa é evidente nesta canção, que evocam imagens da natureza e da simplicidade da vida no campo. A mudança representou não apenas uma evolução artística, mas também uma busca por equilíbrio e bem-estar pessoal para o músico. Ao priorizar uma vida mais tranquila e afastar-se dos excessos da vida urbana, Raul encontrou uma nova fonte de inspiração e criatividade, que se refletiu em sua música de uma maneira mais profunda e autêntica. Essa transformação não apenas marcou uma nova fase em sua carreira musical, mas também foi um passo importante em sua jornada pessoal de autodescoberta e cura.

Por quem os sinos dobram – Álbum de 1979

“Por quem os sinos dobram” é o nono disco de estúdio, e o último da década de 1970. Esse novo trabalho também ficou marcado por um episódio que o colocou nas páginas policiais devido a um assassinato ocorrido em seu apartamento, Raul se viu em meio a desafios pessoais e profissionais. Em 20 de novembro de 1979, um trágico incidente abalou Copacabana, quando o argentino Hugo Angel Amorroutou foi encontrado assassinado no apartamento localizado na rua Assis Brasil. O apartamento em questão estava sublocado pelo cantor na época. O acontecimento foi amplamente noticiado pela mídia, como relatado na matéria intitulada "O sangrento código do comércio de drogas", publicada na edição de 18 de dezembro de 1979 do Jornal da República.

Este álbum representou um momento significativo em termos de sua relação com gravadoras, foi um divisor de águas que sinalizou o rompimento de Raul com a Warner e sua volta para a CBS. A volta para a CBS representou uma nova oportunidade para explorar novos horizontes musicais e alcançar novos públicos, além de permitir uma liberdade criativa renovada. A capa do disco apresenta uma imagem emblemática do artista segurando uma guitarra semi-acústica preta, usando um fone de ouvido e segurando um microfone. Essa imagem é altamente simbólica e reflete diversos aspectos importantes da sua carreira. Primeiramente, a presença da guitarra destaca a conexão com sua música e sua identidade como artista. A guitarra é um instrumento central em sua produção musical e sua escolha de uma guitarra semi-acústica pode sugerir uma fusão de elementos do rock e da música brasileira, refletindo a diversidade sonora de seu trabalho. O uso do fone de ouvido indica um foco intenso na música e na criação artística. Ele simboliza a imersão de Raul no processo de gravação e produção musical, sugerindo uma dedicação total ao seu ofício. Além disso, sugere uma autonomia e controle sobre sua própria produção musical, uma vez que ele está ouvindo sua música diretamente através dos fones de ouvido. O microfone que ele segura enfatiza sua identidade como intérprete e cantor. Esses elementos combinados na capa do álbum refletem não apenas a sua posição, mas também seu desejo de autonomia e controle criativo em sua carreira. Sua presença confiante e determinada na capa sugere uma determinação em seguir seu próprio caminho na música, buscando uma nova era na gravadora CBS.

Por quem os sinos dobram

A primeira faixa do lado B do disco recebe o mesmo título do álbum: "*Por Quem os Sinos Dobram*". A música é uma profunda reflexão sobre a essência da união e da coragem necessárias para enfrentar os desafios da vida. O título da música é uma referência direta à obra de Ernest Hemingway⁶⁶, que, por sua vez, alude ao poema de John Donne⁶⁷. Nesse poema, destaca-se a ideia central de que a morte de um indivíduo afeta toda a humanidade, acreditando que estamos todos interligados em uma teia de conexões e relações. Assim, ao usar esse título como tema de sua música, Raulzito evoca a importância da solidariedade e da empatia na jornada pela vida. A letra lembra que as ações e escolhas do indivíduo não afetam apenas o individual, mas também têm um impacto sobre os outros e sobre o mundo ao nosso redor.

“Nós podemos. Será que a gente pode mesmo? Não, não, eu tenho que crer!! Senão, o que é que eu faço aqui sozinho? Ninguém tem coragem de ir comigo? A formiga é pequena, mas elas são um exército quando juntas.” (O Baú do Raul, P. 124)⁶⁸

A mensagem ressoa como um chamado à ação, incentivando a união em prol de um propósito comum ao enfrentar os desafios da vida com solidariedade. É uma canção que lembra da importância do reconhecimento e da interconexão para que os seres humanos procedam em harmonia com essa compreensão.

[Trecho da Letra]

Nunca se vence uma guerra lutando sozinho
Você sabe que a gente precisa entrar em contato
Com toda essa força contida é que vive guardada
O eco de suas palavras não repercutem em nada
É sempre mais fácil achar que a culpa é do outro
Evita o aperto de mão de um possível aliado, é
Convence as paredes do quarto, e dorme tranquilo
Sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo

⁶⁶ *Por Quem os Sinos Dobram* é um romance de 1940 do escritor norte-americano Ernest Hemingway, considerado pela crítica uma das suas melhores obras. O livro narra a história de Robert Jordan, um jovem norte-americano das Brigadas Internacionais.

⁶⁷ John Donne foi um poeta jacobita inglês, pregador e o maior representante dos poetas metafísicos da época. Sua obra é notável por seu estilo sensual e realista, incluindo-se sonetos, poesia amorosa, poemas religiosos, traduções do latim, epigramas, elegias, canções, sátiras e sermões. Autor do poema; *Por quién doblan las campanas*.

⁶⁸ SEIXAS, Raul, 1945 – 1989 (O Baú do Raul / Raul Seixas; seleção de Kika Seixas; organização e apresentação de Tarik de Souza – 12 ed. – São Paulo : Globo, 1992)

[Refrão]
Coragem, coragem
Se o que você quer é aquilo que pensa e faz
Coragem, coragem
Eu sei que você pode mais.

A repetição do verso "Coragem, coragem" na música funciona como um poderoso mantra motivacional, destinado a inspirar o ouvinte a agir de acordo com seus pensamentos e desejos mais profundos. É importante salientar que embora não haja uma referência explícita à ditadura, é importante considerar o contexto histórico em que a música foi lançada e as possíveis interpretações que ela poderia evocar naquele momento.

Em 1979, o Brasil ainda estava sob a sombra da Ditadura Civil-Militar, embora tenha sido um ano de transição para o processo de redemocratização do país. Durante os anos anteriores, a ditadura havia reprimido a liberdade de expressão, censurado a imprensa e perseguido opositores políticos. Nesse contexto, as suas músicas quase sempre foram mensagens subversivas e críticas ao sistema político vigente, embora nem sempre de maneira explícita. Assim, é possível interpretar "*Por Quem os Sinos Dobram*" como uma chamada à ação e à resistência, mesmo que não mencione diretamente esta intenção. A mensagem de coragem e união pode ter ressoado com aqueles que buscavam mudanças, e uma sociedade mais justa e democrática, enfrentando os desafios impostos pelo contexto autoritário.

10. CONCLUSÃO

Com base neste estudo, podemos concluir que Raul Seixas não foi apenas um ícone da música brasileira, mas também um visionário que deixou um legado duradouro e influente. Ao longo de sua carreira, transcendeu as barreiras convencionais da música, incorporando em suas letras uma profunda reflexão sobre a vida e a sociedade. Sua capacidade única de mesclar rock com elementos da música brasileira, aliada a letras provocativas e filosóficas, estabeleceu-o como um dos artistas mais marcantes e originais de sua geração. Sua ousadia em desafiar as normas, tanto musicalmente quanto em suas ideias, contribuiu para a formação de uma identidade cultural autêntica e contestadora. Além disso, destaca-se a vida pessoal, evidenciando suas lutas, conquistas e a busca constante por autenticidade. Sua trajetória

tumultuada e, por vezes, incompreendida, revelou um homem que não se contentava com o status quo, sempre em busca de uma expressão verdadeira e genuína de sua arte.

Ao analisar a influência da sua obra na cultura brasileira, é evidente que sua música transcendeu gerações, continuando a inspirar artistas e provocar reflexões profundas sobre a sociedade e a existência humana. Sua contribuição artística não se limita ao âmbito musical, mas serve como um convite à reflexão e à busca pela autenticidade em um mundo muitas vezes marcado pela superficialidade. Em suma, Raul não foi apenas um músico, um filósofo, um guru, um profeta, um rebelde, um maluco; ele foi um personagem da história da música brasileira que deixou um impacto duradouro. Sua ousadia, autenticidade e visão única continuarão a ecoar através das gerações, desafiando a questionar, refletir e, acima de tudo, a pensar como "malucos beleza" em um mundo que muitas vezes exige conformidade.

É importante destacar também que, sua figura, seu personagem, podem ser utilizados como uma excelente ferramenta para abordar diversos aspectos históricos em sala de aula, especialmente relacionados à contracultura e aos movimentos sociais e políticos das décadas de 1960, 1970 e 1980. Dentro da contextualização da contracultura brasileira, ele foi uma figura proeminente e suas músicas refletem os ideais, valores e conflitos desse movimento. Ao explorar suas letras e sua vida, o alunado pode entender melhor o contexto sociopolítico e cultural do Brasil durante esse período. Somado a isso, as letras das músicas muitas vezes abordam questões sociais, políticas e existenciais, possibilitando fazer uma análise crítica-social. Em comparação com outros movimentos musicais, Raul Seixas não existiu no vácuo; ele estava imerso em um cenário musical diversificado. Portanto, os alunos podem comparar e contrastar suas músicas com outros artistas e movimentos musicais da época, como a Tropicália, o rock internacional e outras expressões culturais da contracultura. Além da contribuição histórica, os alunos podem utilizar suas letras para compreensão da cultura e do pensamento nas aulas de filosofia e artes.

TOCA RAUL!!!

11 . FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MAURO, André. O último anarquista. In: PASSOS, Sílvio (org.). *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.

BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. *Vivendo a Sociedade Alternativa: Raul Seixas no Panorama da Contracultura Jovem*. 2006. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

ADORNO, Theodor W. Tempo Livre. In: ALMEIDA, Jorge M. B. de (org). *Indústria Cultural e Sociedade: Theodor Adorno*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 103-116.

CROWLEY, Aleister. Liber AL vel Legis: *O Livro da Lei*.

CAMUS, Albert (1969). *Lyrical and critical essays*. Thody, Philip, 1928-1999. New York: Knopf.

- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral. São Paulo: Hedra, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. Vozes, 2014
- PASSOS, Sylvio (org). *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.
- SOBREIRA, João Cardoso de Matos Naeme. *Uma Leitura Do Brasil Pós 64 Na Obra De Raul Seixas*. 2016
- MACIEL, Luiz Carlos – Anos 60. Porto Alegre, L & PM, 1987.
- ALVES, Luciane Maria. *Raul Seixas; E o Sonho da Sociedade Alternativa*. São Paulo: Martin Claret editores Ltda. 1993.
- MINUANO, Carlos – Raul Seixas: por trás das canções / Carlos Minuano. – ed. – Rio de Janeiro : Best Seller, 2019.:il
- LUCENA, Mário. Raul Seixas: a verdade absoluta / Mário Lucena – São Paulo: MacBel Oficina de Letras, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos – História do Regime Militar Brasileiro / Marcos Napolitano. – São Paulo: Contexto, 2014.
- COELHO, Fábio Campos - A “Mata virgem, de Raul Seixas: *Metáfora, polissemia e ironia como recursos estéticos para a ambiguidade natureza-sexualidade*.”
- SEIXAS, Raul, 1945 – 1989 (O Baú do Raul / Raul Seixas; seleção de Kika Seixas; organização e apresentação de Tarik de Souza – 12 ed. – São Paulo : Globo, 1992)
- RAUL SEIXAS. As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor. In: Gita. São Paulo: Philips, 1974.
- RAUL SEIXAS. Cachorro Urubu. In: Krig-ha, Bandolo!: Philips, 1973. Faixa 4. CD
- RAUL SEIXAS. Metamorfose Ambulante. In: Krig-ha, Bandolo!: Philips, 1973. Faixa 3. CD
- RAUL SEIXAS. Mosca na Sopa. In: Krig-ha, Bandolo!: Philips, 1973. Faixa 2. CD
- RAUL SEIXAS. Ouro de Tolo. In: Krig-ha, Bandolo!: Philips, 1973. Faixa 4. CD
- RAUL SEIXAS. Sociedade Alternativa. Sociedade Alternativa. In: Gita: Philips, 1974. Faixa 07. CD.
- RAUL SEIXAS. Medo da Chuva. In: Gita: Philips, 1974. Faixa 02. CD.
- RAUL SEIXAS. Sociedade Alternativa. Sociedade Alternativa. In: Gita: Philips, 1974. Faixa 12. CD.
- RAUL SEIXAS. Novo Aeon. In: Novo Aeon: Philips, 1975. Faixa 13. CD
- RAUL SEIXAS. Tente Outra vez. In: Novo Aeon: Philips, 1975. Faixa 13. CD
- RAUL SEIXAS. Meu amigo Pedro. In: Há dez mil anos atrás: Philips, 1976. Faixa 11. CD

RAUL SEIXAS. Canto Para Minha Morte. In: Há dez mil anos atrás: Philips, 1976. Faixa 11. CD.

RAUL SEIXAS. O Dia em Que a Terra Parou. In: O Dia em Que a Terra Parou: Warner Music Brasil, 1977. Faixa 3. CD.

RAUL SEIXAS. Maluco Beleza. In: O Dia em Que a Terra Parou: Warner Music Brasil, 1977. Faixa 3. CD.

RAUL SEIXAS. Mata Virgem. In: Mata Virgem: Warner Music Brasil, 1978. Faixa 7. CD

RAUL SEIXAS. Por Quem os Sinos Dobram: Warner Music Brasil, 1979. Faixa 5. CD

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/cocheiro>.

Jornal da República (SP) – 1979 - Ano 1979\Edição 00045

Raul Seixas e Paulo Coelho. «Gîtâ». Diário FM. Consultado em 28 de dezembro de 2017. ...
Mas eu sou o amargo da língua / A mãe, o pai e o avô / O filho que ainda não veio / O início,
o fim e o meio.

12. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICA

<https://www.ins.txt> – Entrevista de Raul Seixas para a o programa Metropolis da TV cultura.
www.raulrockclub.com.br

RAUL, O início, o Meio e o Fim. Walter Carvalho. Globo Filmes/TV Cultura, 2012. Filme,
100 min.